SANDRA APARECIDA PIRES FRANCO

O DESERTOR

E O OTIMISMO EDUCACIONAL DE SILVA ALVARENGA (1749/1814)

MARINGÁ

2003

SANDRA APARECIDA PIRES FRANCO

O DESERTOR

E O OTIMISMO EDUCACIONAL DE SILVA ALVARENGA (1749/1814)

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação à Universidade Estadual de Maringá, sob a orientação da Prª Drª Silvina Rosa.

MARINGÁ

2003

SANDRA APARECIDA PIRES FRANCO

O DESERTOR E O OTIMISMO EDUCACIONAL DE SILVA ALVARENGA (1749/1814)

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação à Universidade Estadual de Maringá, sob a orientação da Profª Drª Silvina Rosa.

Aprovada em: _____

COMISSÃO JULGADORA

_____
Profª. Drª. Rita Maria Baltar Van der Saan (UFMS)

_____
Prof. Dr. Sezinando Luiz Menezes (UEM)

_____
Profª. Drª. Silvina Rosa (Orientadora/UEM)

OS HOMENS FAZEM SUA PRÓPRIA HISTÓRIA, MAS NÃO A FAZEM COMO QUEREM; NÃO A FAZEM SOB CIRCUNSTÂNCIAS DE SUA ESCOLHA E SIM SOB AQUELAS COM QUE SE DEFRONTAM DIRETAMENTE, LEGADAS E TRANSMITIDAS PELO PASSADO. (MARK, K. *O 18 Brumário de Luiz Bonaparte)*

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora professora Doutora Silvina Rosa que contribuiu imensamente para minha formação.

Aos demais professores do Curso de Mestrado da UEM, que proporcionaram uma ampliação dos meus conhecimentos.

Em especial a professora Elenita Conegero Pastor Manchope, que com sua dedicação e compreensão incentivou-me no progresso da formação acadêmica.

A Tânia que me auxiliou nos momentos em que fiquei hospedada em sua casa.

A paciência do meu marido Rubinho e as minhas filhas Isadora e Victória que compreenderam meus momentos de ausência.

RESUMO

A proposta desta dissertação é analisar como as Reformas Pombalinas, principalmente a Reforma da Universidade de Coimbra, foram recebidas por um dos intelectuais brasileiros da época que, além de ter estudado naquela Universidade, participou de duas inconfidências no Brasil. A fonte principal do trabalho é o poema herói-cômico **O Desertor** (1774) de Silva Alvarenga (1749-1814) escrito logo após a reforma da universidade, no qual ele, através de um pitoresco combate entre estudantes, representa a luta de Pombal contra os métodos e professores existentes até então. Além de buscar no poema os indicativos do posicionamento do autor quanto às Reformas Pombalinas, o que implica uma metodologia que leva em consideração os acontecimentos históricos ocorridos na época, temos também os objetivos de: contribuir para os estudos de história da educação no Brasil e juntar elementos que nos ajudem esclarecer um presente que, em muitos aspectos, assemelha-se ao que acontecia em Portugal naquele momento histórico. O trabalho é composto por dois capítulos. No primeiro procura-se caracterizar o movimento literário denominado arcadismo em sua correlação com os acontecimentos históricos que deram origem às Reformas Pombalinas, de forma a demonstrar o entusiasmo com que os poetas inconfidentes as recebiam. O segundo é dedicado à análise de **O Desertor** como um poema herói-cômico, cuja estrutura, de forma bem humorada, revela o otimismo do autor em relação à Reforma da Universidade de Coimbra como uma vitória das Luzes e da Ciência contra a escolástica. Ressalta na intencionalidade do autor, expressa na introdução teórica ao poema, que ele tinha a intenção de fazer de seu poema uma arma estética a favor da Reforma e isso se expressa na forma combativa como ele o estrutura.

Palavras-chave: Reformas Pombalinas; Iluminismo; Entusiasmo Educacional; Educação, Literatura e História.

ABSTRACT

The dissertation proposal is to analyze how the Pombalina Reforms, specially the Coimbra university reform, were received by one of the Brazilian intellectuals who had lived there at that time. **O Desertor** (1774) has been written by Silva Alvarenga (1749-1814) soon after the Coimbra university reform. It is a comic hero poem in which the poet portrays a combat among students, as a way to give support to Pombal's theories, that critized the methods the teachers used then. Our hypothesis is to search, in this poem, the signs of Alvarenga's position to the pombalina reforms. In so doing we considered the historic events. We also want to contribute to the history of education studies in Brazil highlighting the way the past XVIIIth century Reform could help us to explain the present moment. In my point of view some events daily events here in Brazil may be related to the Portuguese historical events then. The first chapter tries to characterize the events preceeding the Pombalina reforms, portraying the enthusiasm the poets received them. The second chapter is dedicated to analyse **O Desertor** as a comic-hero poem that, in a humored way, shows the author's optimism concerning the Coimbra University reform, portraying the Enlightenment victory against the Scholastic school. Alvarenga shows his vilws that the poem should be read as an aesthetic weapon for the reform, expressing it in the poem structure.

Key-words: Pombalinas Reform, Iluminism, Educational Enthusiasm, Education, Literature, History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 09

1 – OS ÁRCADES INCONFIDENTES NO BRASIL E AS REFORMAS POMBALINAS 18

1.1 – O ARCADISMO E O RACIONALISMO ILUMINISTA 18

1.2 – REFORMAS POMBALINAS E O ILUMINISMO EM PORTUGAL 27

1.3 – O ENTUSIASMO DOS ÁRCADES INCONFIDENTES COM AS REFORMAS POMBALINAS 42

1.4 – ACADEMIAS COMO ORGANIZAÇÃO DA CULTURA ILUMINISTA 48

2 – A REFORMA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA EM O DESERTOR 52

2.1 – SILVA ALVARENGA, UM ÁRCADE QUE VIVENCIA DUAS INCONFIDÊNCIAS .. 54

2.1.1 – Os Árcades Inconfidentes e suas Ligações Políticas 60

2.2 – O DESERTOR E O OTIMISMO EDUCACIONAL DE SILVA ALVARENGA .. 65

2.2.1 – Justificativas do Autor para a Escolha do Poema Herói-Cômico 66

2.2.2 – A Estrutura do Poema como uma Forma de Engrandecer a Reforma 70

CONSIDERAÇÕES FINAIS 88

REFERÊNCIAS 92

INTRODUÇÃO

A proposta desta dissertação é analisar como as Reformas Pombalinas, principalmente a Reforma da Universidade de Coimbra, foram recebidas por um dos intelectuais brasileiros da época que, além de ter estudado naquela Universidade, participou de duas inconfidências no Brasil. A fonte principal do trabalho é o poema herói-cômico **O Desertor** (1774) de Silva Alvarenga (1749-1814)[1], escrito logo após a reforma da universidade, no qual ele, através de um pitoresco combate entre estudantes, representa a luta de Pombal contra os métodos e professores existentes até então.

Pretende-se atingir dois objetivos: contribuir para os estudos de história da educação no Brasil e juntar elementos que nos ajudem esclarecer um presente que, em muitos aspectos, assemelha-se ao que acontecia em Portugal naquele momento histórico.

Entendemos que o estudo das repercussões de reformas educacionais do passado auxilia, e em muito, a reflexão sobre os inúmeros problemas da atualidade escolar, como indisciplina, dificuldade de aprendizagem, desinteresse por parte dos alunos, desânimo por parte dos professores que desacreditam no papel da escola, dos supervisores e dos orientadores.

---

[1] Encontramos duas versões do poema herói-cômico **O Desertor**: a primeira versão intitulada **O Desertor**, escrita por Manuel Inácio da Silva Alvarenga em 1774 publicada pela Universidade de Coimbra, foi encontrada por intermédio da professora Dra. Maria de Fátima Souza e Silva, atual professora do Departamento de Letras da Literatura Clássica desta Universidade, especializada em Teatro Grego; a segunda versão foi encontrada na Instituição de Estudos Brasileiros – IEB, em São Paulo, faz parte da coletânea de Joaquim Norberto de Souza **Obras Poéticas de Manoel Ignácio da Silva Alvarenga (Alcindo Palmireno)**. Tomo Segundo. Livraria de B. L.Garnier, Rio de Janeiro, 1864. Ambas são semelhantes, com apenas diferenças ortográficas. Optamos pela segunda versão por estar mais atualizada, porém foi necessário a sua microfilmagem pois se trata de uma obra rara.

Ouvimos em muitas escolas, não só públicas como também particulares, que é necessário primar pela qualidade, o que nos leva a pensar que essa ênfase verbal pode ser um sinal de que os problemas do ensino vão além da escola. Trata-se de uma situação muito mais complexa e preocupante, que envolve os aspectos econômicos e sociais inerentes à sociedade capitalista. Ou seja, o sistema capitalista impõe determinadas diretrizes e metas das quais, por mais que se tente, não se consegue desviar.

De nosso ponto de vista, a educação está sempre relacionada à atividade principal dos homens, ou seja, o trabalho. Este domina o ser humano e disciplina-o. Ao mesmo tempo, é através do estudo de suas diferentes forma que podemos ter uma compreensão da concepção de homem produzida por toda a humanidade. Revendo, como num filme, o processo de trabalho artesanal, manufatureiro e da grande indústria, podemos acompanhar a transformação que ele impõe ao campo das idéias e da educação.

O homem na produção artesanal tinha um conhecimento completo **do que** e **de como** produzir sua mercadoria. Na continuidade das transformações econômicas mais amplas em termos industriais, ele passou a ter uma compreensão fragmentada do que produzia, buscava produzir em grande número e adquirir lucro sobre a produção. Começou a produzir somente uma parte do produto, não obtendo mais o conhecimento completo do que produzia. Saltando para a era da produção informatizada, podemos dizer que para o ato mecânico do trabalho que caracteriza essa fase, o homem não precisa refletir, pensar. Neste momento, a educação volta-se para a informação, cuja transmissão apresenta-se como uma forma de conhecimento rápido e que leva o homem a se aprimorar na mesma velocidade.

A esta forma educacional que, muitas vezes extrapola a vontade dos sujeitos envolvidos, boa parte da sociedade se opõe, tentando recuperar a qualidade educacional. De um lado, considera-se que a educação que estamos tendo, principalmente nas escolas públicas, não atende nem ao que a sociedade da era tecnológica necessita, pois, apesar das aparências de que a cultura não influencia a vida dos alunos, é importante quando um deles consegue se expressar melhor. Se

isso não acontece quanto às próprias necessidades da sociedade capitalista, o que pensar da educação que deveria levar ao ato de reflexão e criticidade política frente aos fatores sociais, econômicos e políticos que nos cercam?

Além do fator econômico, o fator social que dele não se desvincula também está bastante presente. Quando nos deparamos com uma sala de aula, por exemplo, verificamos que sua heterogeneidade indica que as desigualdades sociais demarcam diferenças notáveis dentro desse ambiente e que dificultam o trabalho de ensino/aprendizagem.

Da mesma forma, não podemos deixar de considerar a família, que, diante de tantas transformações, cujo reflexo mais importante é a absorção pelo trabalho, acabou se desestruturando e transferindo muitas de suas ações para a escola.

Podemos citar a assistência médica, odontológica, psicológica, sem falar ou nos deter na Bolsa-Escola, Educação Solidária e outros, programas paliativos criados pelo Estado para minorar os prejuízos de uma boa parte da sociedade, solucionando temporariamente determinados problemas.

Sabemos, entretanto, que uma mudança radical na educação só poderá acontecer quando decorrer de mudanças na base da organização social e é para aprofundar essas reflexões que recorremos ao século XVIII, quando os homens enfrentaram, de forma revolucionária, a sociedade que eles consideravam ultrapassada. Procuraremos verificar que necessidades eles tinham, que limites encontravam, como agiram para superar os obstáculos que encontraram. Entre as armas com que lutaram, focamos a educação e a literatura.

Nosso pressuposto é de que esse retorno ao passado nos ajude a ponderar os limites de nossa atuação na atualidade seja no campo político seja no educacional. Neste caso, miramo-nos em Tocqueville[2], o qual no século XIX, recorreu aos séculos

[2] TOCQUEVILLE, Aléxis de. **O antigo regime e a revolução**. 3.ed. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília. São Paulo: HUCITEC, 1989. Ver também: MULLER, Beatriz. **Indivíduo e educação na literatura**: elos de uma corrente. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

anteriores, para poder iluminar o caminho a ser trilhado, ou seja, nesta dissertação, estudamos o século XVIII para encontrar os limites do nosso caminho, ou, pelo menos, entender porque estamos com um processo educacional tão desacreditado.

O leitor pode estar se perguntando: por que o século XVIII e não um outro? Vamos buscar explicações no século XVIII, por ele ter sido o século das grandes revoluções e por ter sido o momento de definição de uma nova sociedade, a capitalista, baseada nos ideais políticos democráticos[3]. Com a Revolução Gloriosa, a Revolução Francesa e as revoluções industriais, desencadeiam-se, no mundo todo, revoluções políticas e sociais, que nos fazem lembrar da obra **A Ideologia Alemã** de Marx e Engels[4]. Eles nos dizem que a consciência e as formações ideológicas surgem da práxis material, ou seja, a consciência humana de um momento expressa o que o homem é nesse momento e isso decorre da forma como ele se relaciona com o passado.

> [...] uma soma de forças de produção, uma relação historicamente criada com a natureza e entre os indivíduos, que cada geração transmite à geração seguinte; uma massa de forças produtivas, de capitais e de condições que, embora sendo em parte modificada pela nova geração,

---

[3] Democracia – "Literalmente poder do povo. Regime político em que o poder pertence ao povo. A democracia sempre tem um caráter de classe e outra coisa não é senão a forma política da ditadura das classes dominantes. Na sociedade capitalista, a democracia representa a forma de domínio de classe da burguesia, sob cuja vigência se declara a igualdade dos cidadãos perante a lei, proclamam-se os direitos da personalidade e as liberdades democráticas: liberdade de palavra, de imprensa, de reunião, etc. [...] O aparato estatal da democracia burguesa defende os interesses dos proprietários, que se valem de mil estratagemas para afastar os trabalhadores da participação nas funções diretivas e dificultar o seu acesso ao órgão representativo superior do estado burguês: o parlamento. A implantação da democracia burguesa, apesar do seu caráter limitado, teve um significado progressista, porque levou à liquidação do regime de servidão e contribuiu para o desenvolvimento das forças produtivas. À medida que o capitalismo se desenvolve, a burguesia, enraizada no poder, renuncia às conquistas democráticas da revolução burguesa e se converte em uma força que freia o progresso ulterior da sociedade". (ROSETAL, M.; IUDIN, P. **Pequeno Dicionário Filosófico**. Trad. Guarani Gallo e Rudy Margherito. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1959). Ver também: "Democracia – revela, antes de tudo, que o Poder é do povo, porque este virtualmente o detém em benefício próprio. Ela é a transliteração do grego *Demokratia*. Daí, a expressão – Soberania popular – para exprimir, com enfatismo, aquele Poder político. Dada a impossibilidade prática de o Povo, mesmo sob a dimensão do povo – eleitor, exercer diretamente aquele Poder, surgiram técnicas destinadas a contornar o obstáculo em causa. O povo através dos cidadãos, exerce o direito ao sufrágio para escolher os principais agentes do Executivo e do Legislativo e excepcionalmente membros do Poder Judiciário. Destarte, melhor fora dizer que o Poder origina-se do Povo e em benefício dele é exercido. Tem-se, portanto, o primeiro dos fundamentos da democracia moderna: o Poder emana do Povo através do mais amplo sufrágio. Chamam-no, embora sem rigor terminológico, de sufrágio universal". (PESSOA, Mário. **O direito da segurança nacional**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Ed. Revista dos Tribunais, 1971).

[4] MARX, Karl; ENGELS, Frederic. **A Ideologia Alemã**. 6.ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1987.

> prescreve a esta suas próprias condições de vida e lhe imprime um determinado desenvolvimento, um caráter especial. (MARX; ENGELS, 1987, p.56)

Nesse momento revolucionário do século XVIII, a economia política como ciência insinua-se na vida dos indivíduos, aparecendo como uma nova vanguarda no combate aos princípios que regiam a vida na Idade Média.

Descobrir o Novo Mundo foi um fato fundamental para desmoronar a sociedade que estava em vigor, pois com isso se criaram novas perspectivas de existência. Quando uma sociedade entra em crise, os homens que nela vivem não conseguem mais reproduzir sua vida nos moldes usuais e conseqüentemente os mudam. Falando sobre as alterações na forma de propriedade ocorridas no século XVII, Locke estabelecia que cada indivíduo era responsável pela sua existência. Alterando-se as relações de direitos e deveres entre proprietários e não proprietários da Idade Média, na sociedade burguesa a propriedade sobre a riqueza social, e sobre a sua quantidade, é garantida pelo trabalho do indivíduo, ou seja, pela capacidade que cada qual tem em si de prover a sua subsistência. Isto retira aos nobres o privilégio sobre a propriedade.

Esse mesmo processo de mudança desloca a Teologia de centro de explicação da origem e conservação da vida humana, e da educação. Isto se torna assunto dos economistas políticos, dos cientistas. A aristocracia, a nobreza, que dominava os homens até então, não estava mais em condições de ditar as normas da vida e isso passa a ser feita pelos comerciantes e industriais enriquecidos, que vão se tornando cada vez mais hegemônicos na condução dos negócios do Estado. Assim sendo, a economia política surge como ciência não porque foi criada pelos economistas políticos, mas sim porque o mundo feudal não foi capaz de suportar o desenvolvimento das novas necessidades. Sabemos que, nas formas sociais, baseadas na propriedade privada dos bens de produção, são os interesses da classe dominante que determinam não apenas como a vida é, mas também como ela deve ser.

Observamos, então, que, para a nova classe se fixar, esta exalta a concorrência para liquidar com a velha ordem. É neste sentido que entenderemos que aqueles homens busquem a liberdade e a igualdade para se erguer. A nobreza fundamentava-se na desigualdade para sobreviver. Liberdade e igualdade são os nomes pelos quais virão a ser conhecidas as novas relações sociais, entre proprietários e não proprietários.

Voltemos ao nosso propósito. O retorno ao século XVIII leva-nos a perguntar: será que a crise da educação de hoje não está expressando uma transformação semelhante à que ocorreu naquele momento? Se assim é, por que, numa situação de extrema complexidade, visualiza-se a educação como um meio fundamental de levar o indivíduo a transformar-se, mudando os rumos da sociedade? Quais são os limites desse otimismo educacional numa sociedade em crise?

O século XVIII mostra-nos que, mesmo integrando uma reforma geral da sociedade, a reforma educacional realizada por Pombal passou por inúmeras dificuldades, mas elas não diziam respeito apenas à parte educacional, como muitas vezes pensamos os percalços da educação de hoje. A dificuldade estava na correlação de forças daquele momento que impedia a consecução dos objetivos de Pombal em todos os aspectos. Tanto foi assim que ele caiu de seu posto no governo de D.Maria I. O processo de transformação por ele desencadeado enfrentou novos obstáculos com o retorno dos nobres, dos conventos. Suas propostas foram retomadas posteriormente num outro momento com Abertura dos Portos, quando a Família Real, vindo para o Brasil, cedeu aos impulsos do liberalismo. Entre esses dois momentos ocorrem movimentos também no Brasil, principalmente as inconfidências, das quais muitos de nossos poetas árcades participam. Esses poetas que, em grande medida, vivenciaram as Reformas Pombalinas, exaltam as principais medidas de Pombal.

Assim, nesse contexto de idas e vindas do processo de modernização portuguesa e brasileira, nossa proposta é mostrar a espécie de “otimismo pedagógico” expresso

nas obras dos escritores do período, principalmente dos inconfidentes[5] que passaram por momentos de transição onde havia o embate de forças sociais antagônicas. Colhendo dados sobre os escritores do período e centralizando a análise no Desertor de Silva Alvarenga encontraremos indícios desse combate responsável pelos avanços e recuos do capital manufatureiro e da educação laica.

A questão que o leitor poderá levantar neste momento é: por que um texto literário num trabalho sobre educação?

Verificando a história de Portugal, pois a obra que analisaremos foi escrita lá, havia, como já dissemos, uma correlação de forças que dificultava a modificação no campo da produção de riqueza. Neste contexto, literatura, de acordo com os preceitos estéticos do momento de deleitar e instruir ao mesmo tempo, aparecia como meio de instrução, como modificadora dos hábitos e dos comportamentos. O aspecto persuasivo ou até mesmo de convencimento inerente à palavra fazia desses poemas uma arma de luta no embate entre religião e ciência, entre ignorância e luzes da verdade entre Igreja e Estado.

Tendo sempre em mente o embate presente na educação atual, vamos nos deter no século XVIII, analisando a Reforma Pombalina através de textos científicos, políticos e históricos contemporâneos nossos ou da própria época, e do texto literário **O Desertor**, escrito pelo inconfidente Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

Ampliando nosso campo de reflexão não desvincularemos Pombal das questões históricas mais amplas de que ele fez parte. Procuraremos destacar que também a Reforma Pombalina se fazia no bojo das mudanças radicais que ocorriam não só na

[5] Ver: CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

forma da produção, a manufatura, como também no campo das idéias, do Iluminismo[6].

Faremos uma breve retomada das dificuldades enfrentadas pela transformação manufatureira no mundo e em Portugal e como estas transformações expressaram-se nos demais campos da vida, como a educação e a literatura. O objetivo não é aí permanecer, mas sistematizar informações que nos ajudem a aprofundar a análise de O Desertor e encontrar o partido assumido por Silva Alvarenga nesse processo de enfrentamento.

No primeiro capítulo abordaremos o Arcadismo, movimento literário do qual participaram os inconfidentes no Brasil, dentre os quais Silva Alvarenga, a Reforma Pombalina e o Iluminismo em Portugal, as novas propostas educacionais e o entusiasmo dos futuros inconfidentes frente às transformações em andamento, bem como a criação das Academias como forma de organização da cultura iluminista.

---

[6] Iluminismo – "Doutrina dos que acreditavam na iluminação interior, afirmando que suas exaltações eram o efeito de uma luz divina que lhes exaltava a alma". (SOARES, Orrís. **Dicionário de Filosofia**. v.II. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Livro, 1968). Ver também: "Iluminismo – Esclarecimento ["*Aufklärung*"] é a saída do homem da sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade, se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude*! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento ["*Aufklärung*"]. O imperativo: *Sapere aude*!, tornou-se o imperativo do Iluminismo em geral. O convite, ter coragem e usar a sua própria razão, teve uma validade universal e referiu-se em todas as áreas da vida humana como, por exemplo, na igreja e religião, no Estado e na sociedade, na filosofia e nas ciências, pois dessa maneira deveriam ser destruídos todos os preconceitos existentes. O próprio Kant considerou especialmente a "matéria religiosa o ponto principal do Esclarecimento ["Aufklärung"], ou seja, a saída do homem de sua menoridade, da qual tem a culpa. Porque no que se refere às artes e ciências, nossos senhores não têm nenhum interesse em exercer a tutela sobre seus súditos, além de que também aquela menoridade é de todas a mais prejudicial e a mais desonrosa." Mas além disso, "o uso público da razão deveria se estender, segundo Kant, também à legislação e todas as leis, tanto as existentes quanto as futuras. Tudo, tanto no passado quanto na atualidade, deveria ser examinado pela própria razão dos homens, ou seja, tinha de se apresentar ao juízo da razão do homem, que estava pensando por si mesmo, sem direção de outra pessoa. O Iluminismo iniciou ou, pelo menos, esforçou fortemente, um processo de emancipação do indivíduo, que se livrou de todas suas dependências e autoridades tradicionais. Esse exame geral de tudo não significa, automaticamente, que os iluministas – pelo menos na Alemanha – eram inimigos fundamentais de todas as tradições ou do passado. Na verdade, os iluministas utilizavam os pensamentos anteriores, mas os examinavam rigorosamente". (KANT, Immanuel: Resposta à pergunta: o que é Iluminismo? 1784. In: Berlinische Monatsschrift. v.IV, 1884, p.481-494, impresso. In: HINSKE: *Was ist Aufklärung?,* 1990, p.452-465; tradução para o português. In: KANT: Textos seletos, 1974, p.100-117. Também MAIKA: O Iluminismo, 2000.

No segundo capítulo, procuraremos analisar a obra **O Desertor** de Silva Alvarenga e o otimismo educacional nela presente, vinculando-o ao iluminismo. Começando por uma discussão teórica sobre o gênero herói-cômico, demonstraremos que a estrutura do poema foi uma forma de engrandecer a Reforma Pombalina e, em particular a da Universidade de Coimbra, que estava iniciando em Portugal.

Esperamos deixar claro que, ao assim criar seus versos, Silva Alvarenga tomava o partido da transformação manufatureira como algo inovador que correspondia à razão e à ciência, e mais, que esta inovação contou com o apoio popular.

1 OS ÁRCADES INCONFIDENTES NO BRASIL E AS REFORMAS POMBALINAS

A análise e discussão da obra **O Desertor** de Manuel Inácio da Silva Alvarenga merece, antes de tudo, verificar o que foi o movimento literário chamado de Neoclassicismo ou Arcadismo, do qual o autor faz parte; situar as Reformas Pombalinas no âmbito mais amplo do Iluminismo e, por sua vez, tentar entender por que os poetas árcades que participaram das Inconfidências Mineira e Carioca aderiram aos ideais políticos e estéticos das referidas reformas.

1.1 O ARCADISMO E O RACIONALISMO ILUMINISTA

Esse nome Arcadismo, vem de Arcádia, uma região da Grécia antiga (Centro do Peloponeso), habitada por pastores e transformada pelos poetas antigos no lugar ideal da vida simples, da inocência e da felicidade. O Arcadismo foi um movimento artístico e literário que cultivava os padrões estéticos da Antiguidade Clássica, em repúdio aos valores do clero e da nobreza.

Em meados do século XVIII, a Europa passou por profundas transformações: o progressivo descrédito das monarquias absolutas, a decadência da aristocracia feudal; o crescimento do poder da burguesia; a chamada Revolução Industrial que se iniciou na Inglaterra; todas transformações que ocorreram devido aos ideais da Revolução Francesa que fermentou o mundo inteiro.

A esse quadro de transformações sociais, econômicas e políticas correspondem mudanças ideológicas.

O Arcadismo corresponde, então, a um novo estilo literário que vai contra ao estilo Barroco, considerado como expressão do absolutismo. Ao luxo e à ostentação dos lugares freqüentados pela aristocracia, os poetas árcades opõem temas bucólicos, tratados com simplicidade e graciosidade estilística. Trata-se, é claro, de uma luta entre dois estilos e escolas literárias, devendo, uma, ser sempre antagônica à outra. Mas dizer que o Arcadismo foi um estilo simples e com ritmos graciosos, torna-se a nós um ponto de investigação, pois devemos saber os motivos pelos quais muitos poetas se reuniam e buscavam opor-se ao estilo literário existente até então e que, segundo eles, era de um mau gosto.

Segundo Bosi:

> [...] a primeira Arcádia foi fundada em Roma, em 1690, por alguns poetas e críticos antimarinistas que já antes costumavam reunir-se nos salões da ex-rainha Cristina da Suécia. O programa comum era 'exterminar o mau gosto onde quer que se aninhasse'; o emblema, a flauta de Pã coroada de louros e de pinheiros. Os sócios tomavam nomes de pastores gregos ou romanos.[1]

Assim como os romanos, quase todos os poetas que concordavam com o programa árcade adotaram nomes de pastores para criarem suas poesias. O procedimento dos árcades de fingirem-se de pastores para poderem escrever suas poesias era um fingimento poético. Vale lembrar o que nos disse Hegel quando explicava que o limite da poesia é a realidade. Ou seja, o fingimento poético mantém sempre uma conexão com o real e esta conexão manifesta-se nos detalhes de ambiente, de vestuário e principalmente na linguagem, a qual, apesar de todos os rebuscamentos intencionalmente utilizados, precisa ser inteligível para o leitor.

O nome Arcádia remonta também ao romance pastoral Arcádia (1504), do escritor italiano Jacopo Sannazaro. A obra retrata uma lendária região grega chamada Arcádia. Dominada pelo deus Pã, ela seria habitada por pastores, cujo modo de vida bucólico e devotado à poesia foi transformado pelos neoclássicos em modelo ideal

---

[1] BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3.ed. 18ª tiragem. São Paulo: Editora Cultrix, São Paulo, 1997, p.61.

de convivência entre o homem e a natureza. O essencial da teoria neoclássica era: "[...] a imitação não impede a criação; mas o vôo mais seguro será aquele que seguir rumos iniciados pelos antigos."[2]

Ainda segundo Bosi, o Arcadismo distinguia-se em dois aspectos ideais no século XVIII. O poético, que era caracterizado pelo encontro com a natureza e afetos do homem, refletidos através da tradição clássica, que era a Arcádia, e o ideológico, composto por uma crítica da burguesia culta aos exageros e abusos da nobreza, chamado Ilustração.

A ideologia burguesa culta, cuja arma de luta era a crítica à velha nobreza e aos religiosos, propagou-se por toda Europa, sobretudo na França, onde foram publicados **O Espírito das Leis** (1748), de Montesquieu, e o primeiro volume da **Enciclopédia** (1751), que tem à frente Diderot, Montesquieu e Voltaire, entre outros. As idéias desses enciclopedistas, defensores de um governo burguês, impulsionaram o desenvolvimento das ciências, valorizando a razão como agente propulsor do progresso social e cultural.

Assim, observa-se que a ideologia burguesa faz parte do Arcadismo, que proliferou em vários países da Europa e que foi se impondo à medida que a Ilustração invadia as culturas. As fontes italianas da Arcádia caracterizavam a fantasia e o prazer das obras poéticas, enquanto o aspecto racional foi buscado no enciclopedismo francês. É com esta concepção estética que os poetas árcades de Portugal e do Brasil vão criar seus poemas:

> É a pura lição clássica – harmonizar a verdade com a imaginação, corrigir o real pelo ideal, ou seja, moldar a natureza física e moral pelas normas da razão, que a selecciona e corrige segundo o critério da nobreza e da formosura, embelezar e exaltar a vida.[3]

---

[2] BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3.ed. 18ª tiragem. São Paulo: Editora Cultrix, São Paulo, 1997, p.257.

[3] Ibid., p.268.

É interessante notar que, em Portugal, a ***Art Poétique*** de Nicolas Boileau[4], teórico do Arcadismo, aceita por Voltaire como a exposição mais razoável das normas clássicas, foi traduzida já em 1697, sete anos depois da criação da Arcádia em Roma, pelo quarto Conde de Ericeira, Dom Francisco Xavier de Meneses (1673-1743), homem, que impulsionou a criação de Academias em Portugal, tendo sido nomeado sócio da Real Sociedade de Londres, abjurou o cartesianismo pelo newtonismo e teceu rasgado elogio a "*Arovet-Voltayre*". A obra *Art Poétique* de Boileau "influiu diretamente nos dois teóricos ibéricos da Arcádia, o espanhol Ignácio de Luzán e o português Francisco José Freire (Cândido Lusitano), cuja **Arte Poética** (1748) valeu como texto de base para os nossos poetas neoclássicos".[5]

Sob influência de teorias francesas e italianas, em 1756, em Portugal, fundou-se a Arcádia Lusitana por Antônio Dinis da Cruz e Silva (1731-1795) e Manuel Esteves Negrão, aos quais se agregou um poeta que, pela sua superioridade, foi considerado como porta-voz da instituição, tendo-a presidido por longo tempo: Pedro Antônio Correia Garção. Criada em 11 de março do referido ano, essa sociedade

---

[4] Nicolas Boileau Despreaux nasceu em Paris, França, a 1 de novembro de 1636. e ali morreu, a 13 de março de 1711. Poeta, teatrólogo e crítico que exerceu profunda influência na literatura francesa. Suas regras foram seguidas cegamente até a eclosão do movimento romântico. Estudou no colégio Harcourt, depois no de Beauvais, tencionava tornar-se sacerdote, tendo recebido a tonsura aos 11 anos de idade, mas acabou estudando leis. O sobrenome Despreaux se deve às terras que possuía nessa localidade, vizinha à cidade de Crosne, onde, aliás, alguns autores afirmam ele ter nascido. Atuou pouco tempo nos tribunais, dedicando-se logo ao ensaio e literatura. Com a herança paterna, não tinha problemas de sobrevivência. E em 1677, o rei Luís XIV o nomeou seu historiador oficial, com pensão anual de 2.000 libras. A primeira sátira de Boileau foi *Lês Adieux a Paris*, em 1663. Conheceu Molière, de quem se tornou amigo até o fim da vida. Até 1666 publicou mais 6 sátiras que o tornaram célebre, pela ironia e elegância de estilo. Sua grande obra seria *Arte Poética*, de 1674. Aqui, Boileau, um cultor rigoroso dos textos clássicos, examina detalhadamente a poesia, fixando as regras de bom gosto e composição literária. Diz-se que ele transformou em poesia a filosofia de Descartes. Tentou regulamentar a literatura, do mesmo modo que Luís XIV o fez com a sociedade. Procurou a nobreza da língua, a precisão da linguagem, o rigor do texto. Através de suas sátiras, Boileau tentava fazer uma crítica dos costumes, ridicularizando a sociedade de seu tempo. Tinha um respeito quase cego por toda arte que vinha da Antiguidade, e por isso sofreu críticas em seu tempo. Somente o clássico tinha valor para ele. Foi um moralista, um pacifista. Misantropo, muitos apontavam como causa do seu moralismo um problema que vinha desde a infância, quando um erro cirúrgico o teria tornado impotente. Outra versão é que ele teria sido bicado violentamente por um pavão. Seus últimos dias foram tristes. Abalado com a morte de Racine, seu melhor amigo, meio surdo e sofrendo terríveis dores de ouvido, retirou-se para uma propriedade em Auteuil. No entanto, sua reputação de honrado, criativo, sincero, jamais foi contestada. Sua obra pode ser assim dividida: 1- Sátiras. 2- Cartas. 3- Arte Poética. 4- Textos diversos. 5- Textos em prosa. Entre suas obras mais importantes estão: *Stances a Molière sur l'Ecole dês Femmes*, 1663*; A Molière*, 1664; *A L'Abbé lê Vayer*, 1664*; Dialogue sur lês Heros du Roman*, 1664; *Dissertation Critiue sur Joconda*, 1665; *Lê repas Ridicule*, 1665; *Reflexions sur Longin*, 1693; *Correspondência,* 1669-77 e *Sur l'Equivoque*, 1705. (**Dicionário biográfico universal**. Três Livros e Fascículos, 2.ed. São Paulo, 1984).

[5] Bosi (1997, p.63).

tentava renovar a eloqüência, a língua e a poesia. Ocorriam três sessões por mês, nas quais os sócios eram obrigados a ler suas produções. Estas eram escritas em versos ou prosa e depois criticadas pelos censores, permitindo-se sua defesa. A sociedade tinha como emblema um lírio branco e como divisa a frase latina – *Inutilia truncat*. Nesta sociedade o objetivo principal era atacar os excessos verbalísticos do gongorismo, cingir as formas literárias, até, em certa medida, as verbais, métricas ou estróficas, aos bons modelos greco-latinos. "Tudo quanto destoasse dessa clara harmonia e sobriedade seria truncado como inútil."[6]

Garção, com o nome árcade de Corydon Erymatheo (1724-1771)[7] era o presidente da Arcádia, para ele a poesia devia ser de nobre simplicidade e pureza de frase.

Segundo Cidade, Antônio Dinis da Cruz e Silva demonstra a realidade na literatura neoclássica; a realidade histórica e científica e cita dele estes versos de uma Ode a Pombal, em que Dinis exalta a reforma da Universidade de Coimbra:

> A sã Filosofia, que até agora
> Entre espinhos esquálida jazia,
> Vê roxear a aurora
> De seu império, cheia de alegria.
> Do famoso Carvalho
> A um só aceno, a fronte ergue, vaidosa.
> .....
> Abrindo o seu tesouro sumptuoso,
> A vária Natureza,
> Já do Liceu o jugo vergonhoso,
> Intrépida, quebrando,
> Entrega dos seus reinos a opulência
> Nas dextras mãos da sólida experiência.
> (Ode VI).[8]

---

[6] CIDADE, Hernani. **Lições de Cultura e Literatura Portuguesa.** 2 Volume. Da Reacção contra o formalismo seiscentista ao advento do romantismo. Coimbra Editora Limitada, 1975, p.255.

[7] Pedro Antônio Correia Garção (Corydon Erymantheo – 1724-1771) "Os pais – Filipe Correia da Silva, oficial-mor dos Negócios Estrangeiros, e D. Luísa da Visitação Engier Garção, senhora de origem francesa – puderam com seus cuidados, além de lhe defender a compleição franzina, dar-lhe educação esmerada. Preparou-se no Colégio de Santo Antão para a freqüência da faculdade de Leis, de que não chegou a tirar o grau. Aprendeu, além de latim, francês e inglês." (Ibid., p.271).

[8] Silva (apud CIDADE, p.290).

Nestes versos, podemos notar que o poeta era um dos entusiastas da filosofia experimental. Cidade assim explana: “a Razão é o nome do Século das Luzes. A ciência – a obsessão de todos os cultos. Quando não se estruturam poemas em sua homenagem, a cada passo uma alusão, a graça nova de uma imagem trai o seu culto.”[9]

Quanto à literatura portuguesa no Brasil, Cidade menciona os que impulsionaram o enriquecimento cultural na colônia e que depois dessa iniciativa feita pelos portugueses viajantes e historiadores, a Bahia, Minas Gerais e o Rio de Janeiro foram os focos de uma atividade literária que não podia deixar de, no século XVIII, proliferar em academias.

A Arcádia Lusitana vigorou até 1774, porque começou a sofrer uma série de percalços, dissensões internas, ataques, afastamento de sócios.

Com a queda de Pombal, toma a dianteira dos fatos um grupo de homens mais ou menos emudecidos até à data, dentre os quais o Duque de Lafões, que funda, em 1780, a Academia Real das Ciências, segunda academia oficial portuguesa (a primeira foi a Academia Real de História, fundada em 1720), e desejosa de se equiparar em grandeza às similares espalhadas pela Europa.

Em 1790, Domingos Caldas Barbosa funda, com o auxílio de Belchior M. Curvo Semedo, J. S. Ferraz de Campos e Francisco J. Bingre, a Academia das Belas-artes, logo depois chamada Nova Arcádia. Ao novo grêmio se associaram Bocage, José Agostinho de Macedo, Luís Correia França e Amaral, Tomás Antônio dos Santos e Silva, e outros. Entretanto, divergências internas entram a surgir, notadamente entre Macedo e Bocage, e em 1794 a corporação se desfaz.

No Brasil, surgiu em 1768, a Arcádia Ultramarina, marco inicial do Arcadismo no Brasil, com a publicação das **Obras Poéticas** de Cláudio Manuel da Costa. Nessa

[9] Cidade (1975, p.311).

época, Silva Alvarenga ainda não havia ido estudar em Coimbra, o que nos permite pensar que ele poderia ter tido contato com os escritos de Cláudio Manuel da Costa.

Importa ressaltar que os poetas árcades sempre viveram nas cidades, mas buscavam o campo como cenário para poderem cantar e se sentir libertos das etiquetas da sociedade urbana, permitindo expor mais seus sentimentos de amor e de abandono ao fluxo da existência. Esta fuga encontra respaldo em um dos aspectos dos revolucionários franceses: o mito do homem natural. Verificamos, então, que no período, o burguês lutava contra a aristocracia do sangue e esta luta, que se fazia em termos de razão e de natureza, adquiria os matizes de que se tingiu o iluminismo.

> O Iluminismo que informou essa luta exibe duas faces: ora a secura geométrica de Voltaire, vitoriosa nos salões libertinos, ora a afetividade pré-romântica de Rousseau, porta-voz de tendências passionais, mais populares. Voltaire é ponta-de-lança dos meios urbanos contra os preconceitos da nobreza e do clero; mas é Rousseau quem abre as estradas largas do pensamento democrático, da pedagogia intuitiva, da religiosidade natural. De qualquer modo, ambos renegam o universo hierárquico do absolutismo instaurado pela nobreza e pelo alto clero desde os fins do século XVI; e fazem-no recorrendo à liberdade que a natureza e a razão teriam dado ao homem.[10]

Consoante Bosi:

> antes da revolução Industrial e da Revolução Francesa, o burguês, ainda sob a tutela da nobreza, via o campo com olhos de quem cobiça o Paraíso proibido idealizando-o como reino da espontaneidade: é a substância do idílio e da écloga arcádica.[11]

A literatura produzida nessa época, valorizando o campo e os sentimentos naturais do homem, revela que a burguesia estava prosperando e se firmando como classe.

---

[10] Bosi (1997, p.65).

[11] Id.

No Brasil, podemos encontrar neste período, desde sonetos[18], uma das formas mais empregadas, até a ode[19], poemas épicos e satíricos, elegias (poesia sobre tema fúnebre), éclogas (poesia pastoril). Estes gêneros foram praticados por poetas como Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama, Gonzaga e Silva Alvarenga, cujo poema herói-cômico, **O Desertor**, foi produzido em Portugal quando ainda era estudante da Universidade de Coimbra.

Como vimos, de acordo com a bibliografia consultada, a tendência dos árcades era a procura do verossímil, cujo fundamento era a arte como cópia da natureza. Os poetas do período abordavam assuntos mais imediatos e concretos. Um exemplo desta é a relação entre o poema herói-cômico e a imitação da natureza, feita por Silva Alvarenga na sua introdução a **O Desertor, assunto do segundo capítulo**. Neles predominavam os traços marcantes das teses ilustradas, como o gosto da clareza e da simplicidade, em contraponto ao estilo literário anterior, conforme nos demonstra Bosi:

---

[18] Soneto – Italiano *sonetto*, do Provençal sonet, de son, melodia, canção. Composição poética de catorze versos, dispostos em dois quartetos e dois tercetos. A paternidade do soneto, durante algum tempo atribuída a Píer della Vigna (1197-1249), poeta siciliano e secretário de Frederico II, imperador germânico da dinastia sueca dos Hohenstaufen e rei da Sicília, à cuja volta se reuniam poetas, artistas, filósofos e cientistas –, também chegou a ser posta na conta de Giraud de Borneil, trovador provençal do século XII. Dante (1265-1321) foi o primeiro grande poeta a cultivar o soneto, mas coube a Petrarca (1304-1374) o mérito de lhe haver emprestado uma forma e um conteúdo que se tornariam modelares para os pósteros, não só na Itália como em outros países da Europa. A Espanha recebeu-o no século XV, graças ao Marquês de Santillana (1398-1458). Portugal e Inglaterra conheceram-no em 1527, por intermédio de Sá de Miranda (1495-1558) e Thomas Wyatt (1503-1542), enquanto à França apenas chegou mais tarde, com Clément Marot (1496-1544). Cultivado do século XVI ao XVIII por grandes poetas, o soneto entrou em declínio com o Romantismo, e somente voltou a ser praticado com o Parnasianismo. Na origem, o soneto apresentaria, no geral, o seguinte esquema de rimas: abba / abba / cde / cde. No que diz respeito à estrutura, diversas soluções têm sido empregadas, geralmente no afã de ultrapassar a limitação que os catorze versos decretam à fantasia do poeta. O último verso do soneto, porque encerrava o conceito fundamental do poema, constituía o "fecho de ouro" ou a "chave de ouro". O metro mais utilizado no soneto tem sido o decassílabo (com acento na 4, 7ª e 10ª). De início exclusivamente amoroso, com o tempo o soneto passou a glosar temas satíricos, humorísticos, épicos, elegíacos, mas os transes sentimentais parecem inerentes à sua própria natureza. (MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 1974. p.480-484).

[19] Ode – De remota origem grega, inicialmente a ode consistia num poema destinado ao canto. Sinônimo, pois, de canção, reduzia-se a um cantar monódico, interpretado pelo próprio autor, ao som da lira, ou de semelhante instrumento de corda. Com o desenvolvimento do lirismo coral, a ode ganha maior desembaraço formal e apodera-se de temas novos, ligados à vida heróica: exaltam-se os vencedores na guerra e nos jogos olímpicos, e os povos e cidades cuja magnitude se reflete na glória dos heróis. (Ibid., p.372-375). Importante salientar que como se trata de uma dissertação na área de educação, esses esclarecimentos podem facilitar a leitura.

> No Arcadismo brasileiro, os traços pré-românticos são poucos, espaçados, embora às vezes expressivos, como em uma ou outra lira de Gonzaga, em um ou outro rondó de Silva Alvarenga. Em nenhum caso, porém rompem o quadro geral de um Neoclassicismo mitigado, onde prevalecem temas árcades e cadências rococós. E sem dúvida foram as teses ilustradas, que clandestinamente entraram a formar a bagagem ideológica dos nossos árcades[20] e lhes deram mais de um traço constante:o gosto da clareza e da simplicidade graças ao qual puderam superar a pesada maquinaria cultista; os mitos do homem natural, do bom selvagem, do herói pacífico; enfim, certo mordente satírico em relação aos abusos dos tiranetes, dos juízes venais, do clero fanático, mordente a que se limitou, de resto, a consciência libertária dos intelectuais da Conjuração Mineira.[21]

Neste período de efervescentes novidades européias, de combates entre teorias e visões de mundo distintas, a literatura produzida no Brasil caracterizou-se por um hibridismo cultural e ideológico, organizando, assim, um estilo próprio, nacional no país.

Segundo Bosi, a mistura de ilustração versus reação; de pombalismo versus jesuitismo; de deísmo versus beatice; de pensamento versus retórica, iria desencadear na Independência.

Essas novidades eram fruto da Revolução Industrial e da Revolução Francesa. Porém, o Brasil não sentiu o baque violento que se travou na Europa, porque aqui não houve feudos e nem um grupo que lutasse ardentemente para a manutenção do feudalismo, como lá.

De qualquer maneira, o Iluminismo favoreceu o gosto pedagógico do útil e não só um idílio árcade agradável, ou seja, o bucolismo ia além de uma simples celebração da vida no campo, da natureza, da atividade agrícola e pastoril. Fazem parte de seu universo temático o elogio da virtude civil, a crença na melhoria do homem pela instrução, a noção de que a harmonia social depende da obediência às leis da natureza e a concepção da felicidade como conseqüência da prática do bem e da sabedoria.

---

[20] Ver o curioso livro de Eduardo Frieiro. **O Diabo na Livraria do Cônego**, onde estão elencados os livros de estofo iluminista que se encontraram na biblioteca do Padre Luís Vieira da Silva, inconfidente mineiro.

[21] Bosi (1997, p.66-67).

1.2 REFORMAS POMBALINAS E O ILUMINISMO EM PORTUGAL

Desde a primeira metade do século XVIII existia em Portugal um grupo de intelectuais e políticos que, tendo como exemplo as nações onde o Iluminismo se propagara, sugeriam mudanças e reformas que poderiam alterar a situação portuguesa no contexto europeu. As Reforma Pombalinas, neste sentido, significavam o fortalecimento desse movimento.

No entanto, existiam tentativas anteriores de modernização que, desde o século XVII, vinham sendo registradas por alguns economistas portugueses. No livro **Antologia dos economistas portugueses**, Sérgio[22] citou Luís Mendes de Vasconcelos[23] que escreveu em 1608 os **Diálogos do Sítio de Lisboa**, onde discutem um filósofo, um soldado e um político. Neste texto, o autor buscou relatar o que seria ideal para Portugal como: aperfeiçoar a agricultura; desenvolver, por ela e pela indústria, a economia metropolitana; nacionalizar por essa indústria o comércio do ultramar.

Outro autor que escreveu sobre necessidade de modernização em Portugal foi Severim de Faria (1583-1654)[24] que escreveu **Do muito que importará para a conservação e aumento da monarquia de Espanha assistir Sua majestade com sua corte em Lisboa e Dos meios com que Portugal pode crescer em grande número de gente, para aumento da milícia, agricultura e navegação**.

Para Faria, havia um problema em Portugal que era a diminuição do povo. Segundo ele, houve essa diminuição por três causas: devido às conquistas; o fato de não

---

[22] SÉRGIO, Antônio. Antologia dos economistas portugueses (século XVII). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974.

[23] Luís Mendes de Vasconcelos exerceu o cargo de capitão-mor nas armadas do oriente e o de governador do reino de Angola.

[24] Severim de Faria nasceu em 1583 (se não há erro) e faleceu em 1654. Menino o levaram de Lisboa, onde nascera, para Évora, onde seu tio Baltasar (que depois nele renunciou o chantrado) o subtraiu às mundanidades, encaminhando-o para a vida mística. Cursou as aulas universitárias, e engolfou-se na erudição.

estar organizada a indústria e os defeitos da agricultura. A solução era a introdução das artes mecânicas, o desenvolvimento industrial. Vejamos:

> Cumpria proibir a exportação das matérias-primas, e trazer oficiais excelentes de outras províncias (do estrangeiro, dir-se-ia hoje, dar-lhes salários e comodidades convenientes, favorecer os bons engenhos e estimar as invenções e as obras que participam do singular e do raro, e assinalar prêmios à perfeição e excelência. (É o que tentamos fazer há pouco com a criação da Junta de orientação dos estudos: Favorecer os bons engenhos, estimular as invenções, instruir os Portugueses nas técnicas modernas mais urgentes, - sem lograr em S. Bento a indispensável atenção.Cumpre insistir...)[25]

Os problemas expostos por Faria sobre a agricultura e a indústria, foram retomados pelo Dr. Ribeiro de Macedo (1618-1680)[26] no seu **Discurso sobre a Introdução das Artes no Reino** (1675), onde relatava o problema da balança comercial. Ele mesmo questionava: "Qual há de nós [pergunta ele] que traga sobre si alguma cousa feita em Portugal? Acharemos (e não ainda todos) que só o pano de linho e os sapatos são obras nossas."[27] [...] "o único meio que há para evitar este dano e impedir que o dinheiro saia do reino, é introduzir nele as artes".[28]

Realmente se os artigos de luxo de cujo uso alguns se queixavam fosse feito no país, não seria realmente um mal. Macedo sugeriu que fossem produzidos em Portugal os cereais, as sarjas, baelas, meias de seda, panos e papel e os produtos industriais fáceis de manufaturar. Segundo ele, não faltavam matérias-primas para isso e o que faltasse poderia ser providenciado.

O que deveria ser feito, a princípio, era proibir a saída de artesãos que pudessem desenvolver as indústrias. Observe-se o que ele nos diz:

---

[25] Faria (apud SÉRGIO, 1974, p.174).

[26] Duarte Ribeiro de Macedo nasceu por 1618, e estudou Filosofia em Évora e Direito em Coimbra. Sendo juiz de fora no Alentejo, fez reparo nos seus méritos o fidalgo D. João da Costa, 1º CONDE DE Soure, que foi governar Elvas logo depois da revolução, em 1641.

[27] Macedo (apud SÉRGIO, 1974, p.174).

[28] Ibid., p.185.

> Cumpria usar ao mesmo tempo, não só a isenção de direitos para os mestres que tentavam indústrias novas, mas prêmios, também, para os que melhor fabricassem nos vários gêneros, e facilidades para o estabelecimento nos lugares abundantes em água e lã; atrair com grossos salários os melhores artífices do estrangeiro; e desenvolver o ensino público.[29]

Ele alertava também que se Portugal não tivesse manufaturas, as colônias portuguesas iriam dar vantagem a outros povos, acreditava nisso porque as colônias tinham muita matéria-prima.

Devemos observar que as iniciativas de modernização destes economistas portugueses foram iniciativas que antecederam as propostas iluministas representadas na Reforma Pombalina.

Assim a partir do século XVII, aconteceram na Europa inúmeras mudanças no modo de produção e de idéias, que refletiram de forma ascendente na vida dos homens. Sua disseminação atingiu a economia, a ciência, a política, a arte, a religião e a filosofia. A transformação não ocorreu somente na produção material, e sim em todos os aspectos da consciência humana. Desenvolveram-se no mundo todo profundos movimentos como: a Revolução Industrial, que se iniciou na Inglaterra; a revolução Francesa; a Reforma Pombalina, em Portugal; e as Inconfidências, no Brasil. Em termos filosóficos, o iluminismo dominou o campo das idéias. Trata-se de um momento histórico em que o homem abandona as superstições medievais e abraça as idéias iluminadas pela razão e pela ciência. O objetivo do Iluminismo era libertar o pensamento do domínio das idéias sobrenaturais para o homem conquistar a liberdade intelectual, política e religiosa, motivo pelo qual se condenava toda forma de pensamento pautado no absolutismo político e religioso.

Neste contexto, para entendermos o significado de uma obra literária como **O Desertor** de Silva Alvarenga, em que há a defesa da Reforma da Universidade de Coimbra, bem como para analisar com profundidade o papel de Pombal e dos inconfidentes mineiros e cariocas que viveram e estudaram nessa universidade

---

[29] Macedo (apud SÉRGIO, 1974, p.23).

reformada, é necessário entendermos as transformações que ocorreram por todo o mundo, principalmente a Revolução Francesa e o Iluminismo. É necessário verificar como repercutiram no Brasil e nas Inconfidências, que posição tomou o inconfidente, autor de **O Desertor** em relação ao que estava acontecendo em Portugal e quais idéias de reforma trouxe para a Inconfidência Carioca, da qual foi líder.

Nos primórdios da transformação manufatureira, o comércio desestruturou a produção tradicional de todos os países. As nações se modificaram. Os países onde o comércio se desenvolveu viraram grandes potências como foi o caso da Inglaterra, França, Holanda e Paises Baixos, mas em Portugal a aristocracia se fortaleceu, colocando rédeas nos comerciantes e se enriquecendo da riqueza Colonial, impedindo assim que a manufatura não se desenvolvesse internamente.

No início dos tempos modernos, Portugal encontrava-se na vanguarda das transformações. No século XVI, este país constituía-se, juntamente com a Espanha, na principal potência marítima do mundo ocidental. Em busca de riquezas, os lusitanos haviam produzido a expansão marítima e contribuído decididamente para a gestação do comércio mundial. Refletindo esse vanguardismo, Lisboa transformou-se numa das capitais do mundo. Voltar a este patamar sempre foi uma questão para os portugueses.

Segundo Menezes, a antiga forma social resistiu à destruição e, neste embate, houve um equilíbrio de forças que deixa a impressão de que os portugueses não conseguiam imprimir uma direção á sua história, mas que também a antiga sociedade não conseguia estancar totalmente as transformações.

Seguindo a idéia de que o Iluminismo propagava-se por todos os países europeus e essa propagação ocorria de forma diferente em cada um deles é que focalizaremos Portugal, local principal de nossas discussões, mais especificamente as Reformas Pombalinas. Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, foi um homem reconhecido por ter renovado profundamente a política econômica do governo português. Analisar Portugal do século XVIII sem levar em conta a figura do

Marquês de Pombal (1699-1782) é quase impossível. Considerado como uma figura do despotismo esclarecido, ele governou Portugal, como 1º Ministro de D. José I, entre 1750 e 1777. O **Testamento Político** de Dom Luís da Cunha[30] recomendava Pombal para governar Portugal, por seu temperamento paciente e especulativo demonstrado durante o reinado anterior.

Segundo Teixeira[31], Pombal no reinado de D. João V, tinha exercido a função de diplomata português em Londres (1738-1744) e em Viena (1745-1749). Na época, a governação portuguesa emanava de três secretarias, a mais importante das quais era a dos Negócios de Reino. Depois, vinham a da Marinha e Ultramar e a dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Com a ascensão de D. José I (1750), Sebastião José foi nomeado secretário dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Após o terremoto de Lisboa de 1755, ascendeu à secretaria dos Negócios do Reino e colocou gente de sua confiança nas demais. Desde então, governou com plenos poderes até a morte de D. José, em 1777. Sua importância e seu poder expressam-se nos títulos recebidos: em 1759, ele tornou-se Conde de Oeiras e, em 1769, Marquês de Pombal.

Como Conde de Oeiras, Pombal preocupou-se com sua imagem, tornando-se um mecenas. Seu período de mecenato foi marcado pela idéia de progresso, arrojo, trabalho, austeridade e estudo.

Podemos perceber, segundo Teixeira que, no reinado de D. João V, já se vinha:

> [...] promovendo a renovação do pensamento em Portugal, manifesta no surgimento de academias, laboratórios, traduções e edições importantes. Nas ciências, tal renovação corresponde à adoção do método cartesiano e

---

[30] D.Luís da Cunha, já em 1696, foi designado enviado extraordinário a Londres, iniciando assim, uma carreira diplomática brilhante, que se encerrou com a sua morte em Paris, em 1749. Foi designado embaixador plenipotenciário no Congresso de Utrecht (1710-1716); embaixador em Londres (1715-1719) e Madrid (1719-1728) e Haia (1728-1736) e, finalmente, embaixador em Paris (1736-1749). (CAVAZZOTTI, M. A. **O pensamento educacional no século XVIII: Portugal.** 1992. Dissertação (Mestrado em Educação, História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo).

[31] TEIXEIRA, Ivan. **Mecenato pombalino e poesia neoclássica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

> da física de Newton; em filosofia, equivale à superação da Neo-Escolástica em favor do Experimentalismo inglês; nas letras, manifesta-se na assimilação da poética de Boileau e na censura generalizada à poesia seiscentista, sobretudo em sua vertente gongórica.[32]

Pombal chegou a presidir a fundação da Arcádia Lusitana em 1756, protegendo os poetas e artistas, certamente isso fazia parte da estratégia de divulgar e criar entre os intelectuais um ambiente favorável às suas reformas.

O governo de Pombal, como ministro de D. José I, caracterizava-se pela ambição de restabelecer o controle nacional sobre todas as riquezas que iam para Lisboa, vindas dos domínios ultramarinos de Portugal. Para tanto, ele se beneficiou das técnicas que aprendeu na Grã-Bretanha e na Áustria.

Entre as novas medidas estavam a afirmação da autoridade nacional na administração religiosa e eclesiástica, no estímulo a empreendimentos industriais e atividades empresariais; da autoridade para lançar impostos; criar novas capacidades militares e uma nova estrutura de segurança do Estado, além da estruturação de um novo sistema de educação pública para substituir o ensino dos jesuítas.[33] Todas essas medidas estavam encerradas em um grupo de leis públicas codificadas e sistematizadas.

---

[32] TEIXEIRA, Ivan. **Mecenato pombalino e poesia neoclássica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p.23.

[33] Podemos dizer "de uma maneira geral que, no século XVIII, o cristianismo tinha perdido grande parte de sua força. A irreligiosidade estava difundida entre os príncipes e os intelectuais; ainda não penetrava muito no seio das classes média e baixa. Não se trata mais de saber em que a Igreja dessa época pecava como instituição religiosa, mas em que se preparava, sendo particularmente incômoda para os escritores que eram os principais promotores desta revolução. A Igreja apoiava-se principalmente na tradição: os escritores desprezavam todas as instituições fundadas sobre o respeito do passado; eles só apelariam para a razão. Para chegar a um entendimento, ambos os lados deveriam ter admitido que, devido às suas situações essencialmente diferentes, a sociedade política e a sociedade religiosa não podiam ser regidas por princípios iguais. Mas estava-se muito longe disso na época e tinha-se a impressão de que, para conseguir atacar as instituições do Estado, era preciso destruir as instituições da igreja, que lhes serviam de base e de modelo. Aliás, a própria Igreja era o primeiro dos poderes políticos e o mais odiado apesar de não ser o mais opressivo. Os escritores tinham razões para atacar a igreja. Esta representava precisamente a parte do governo que lhes era mais próxima e mais diretamente oposta. Os outros poderes só se faziam sentir vez ou outra, mas este, sendo especialmente encarregado de fiscalizar os trâmites do pensamento e censurar os escritos, incomodava os diretamente." (TOCQUEVILLE, Aléxis de. **O antigo regime e a revolução**. 3.ed. Trad. Yvonne Jean. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: HUCITEC, 1989, p.149-150).

Quanto à expulsão dos jesuítas, o embaixador de Roma acreditava que Pombal tinha a intenção de introduzir a religião protestante em Portugal, porque estava horrorizado com os acontecimentos. Portanto, a luta com o papado foi uma conseqüência inevitável de sua proposta de modernização econômica e política.

Ele aboliu também a distinção entre cristão-velho e cristão novo. Em 1769 voltou-se contra a Inquisição, retirando-lhe o poder e ordenando que as propriedades confiscadas pela Inquisição passassem a fazer parte do Tesouro Nacional.

Com as Reformas Pombalinas no país, toda a parte administrativa se alterou. Criou-se a Real Mesa Censória (1771), ano de início dos estudos de Silva Alvarenga na Universidade de Coimbra, para secularizar o controle e as proibições que, de longa data, impediam ou dificultavam a introdução de novas idéias no país. Desse modo, a Real Mesa Censória substituiu a Inquisição e tornou-se o juiz do que se supunha aceitável para o público leitor português.

Algumas transformações educacionais foram feitas nos Estatutos do Colégio dos Nobres, criado em Lisboa a 7 de março de 1771, anteriormente, portanto, à Reforma da Universidade de Coimbra, mas elas não foram cumpridas. Isto levou à criação da Real Mesa Censória, que tinha como função estabelecer medidas rigorosas para que as reformas fossem cumpridas..

> Na verdade, o Colégio dos Nobres não cumprira os objetivos estabelecidos em seus estatutos, não apenas no que diz respeito ao ensino das ciências, mas também em relação às demais disciplinas e sobretudo à formação do educando. A primeira providência de maior intensidade para sanar sua evidente desorganização foi a entrega dessa instituição à real Mesa Censória (04/06/1771), seguindo-se pouco depois o Alvará Régio ordenando medidas disciplinares rigorosas. Finalmente cumpre registrar a Carta de Lei (10/11/1772), abolindo o ensino científico no Colégio. Era o reconhecimento do fracasso de um plano educacional, posteriormente reformulado com a criação dos cursos científicos da Universidade de Coimbra.[34]

[34] CARDOSO, Walter. **A adesão do Brasil Setecentista à Ciência Moderna**. 1991. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Paradoxalmente, portanto, a censura do Estado foi planejada para fornecer os meios suscetíveis de estimular o Iluminismo, o que revela a complexidade dos embates que davam os contornos das transformações..

> A Mesa freqüentemente, liberava livros para seus proprietários que antes haviam sido banidos pela Inquisição – entre eles as *Oeuvres* de Voltaire (teatro), a *Pamela*, de Richardson, o *Esprit de lois*, de Montesquieu, e os *Essays on humam understanding*, de Locke.[35]

Podemos citar também Antônio Nunes Ribeiro Sanches[36] (1699-1783), que, antes de Pombal, em suas **Cartas sobre a educação da mocidade** (1760), propôs a separação total entre a Igreja e o Estado, fazendo algumas sugestões para a reforma da educação portuguesa, o que sem dúvida alguma é importantíssimo para a análise de **O Desertor**. Na citação transcrita a seguir, Cidade mostra a relação entre essas cartas e a transformação ocorrida nos Estatutos do Colégio dos Nobres, cujas repercussões incidem sobre a Reforma da Universidade de Coimbra.

> São dois os trabalhos com que tenta reformar a educação da mocidade portuguesa: - 'Carta sobre a educação da mocidade nobre e o Método pra aprender a estudar a medicina, ilustrado com os Apontamentos pra estabelecer-se uma Universidade real, na qual deviam aprender-se as Ciências Humanas de que necessita o estado Civil e Político'. A elaboração do primeiro destes trabalhos determinou a extinção, em 1759, dos colégios dos jesuítas.
>
> Foi tal elaboração instigada pelo embaixador português em Paris, Monsenhor Salema? Assim este o afirma. O que se sabe é que foi em conformidade com o plano exposto nessas cartas que o Conde de Oeiras,

---

[35] MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal**: paradoxo do iluminismo. Trad. Antônio de Pádua Danesi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

[36] Antônio Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783) foi um sábio de renome internacional. Estudou Medicina e Direito na Universidade de Coimbra, doutorando-se em Medicina da Universidade de Salamanca. Depois de curta estadia em Portugal a sua condição de cristão novo impeliu-o, certamente, a ausentar-se do país, viajando largamente pela Europa. Em Leyde freqüentou as aulas do famoso Boerhave, que o recomendou à Imperatriz Ana da Rússia, que o contratou como médico. Exerceu clínica em Moscou e foi, depois, médico dos exércitos imperiais e, finalmente, médico da corte e conselheiro do estado. Em 1747, instalou-se em Paris, onde permaneceu até o fim dos seus dias, em 14 de outubro de 1783, e onde veio a conquistar uma reputação européia e admiração de sábios como Buffon. Foi, também, um dos colaboradores da famosa Enciclopédia, editada por D'Alembert e Diderot. Em Haia, manteve estreitas relações com o embaixador D. Luiz da Cunha, que ai esteve em missão, de 1728 a 1731, e que verificou o óbito do ilustre diplomata, falecido em dezembro de 1749. (MAGALHÃES, José Calvet de. História do pensamento econômico em Portugal da Idade Média ao Mercantilismo. Coimbra, 1967, p.304-305 apud CAVAZOTTI, M, A. **O pensamento educacional no século XVIII**: Portugal. São Paulo: PUC, 1992, p.12).

> futuro Marquês de Pombal, organizou em 1761 o Colégio dos Nobres. Em verdade, nelas Ribeiro Sanches defende muitas das idéias gratíssimas ao primeiro Ministro e por ele realizadas. Assim, a da secularização do ensino; a transformação numa função exclusiva do estado, porque a seu benefício era destinada, do ensino até aí monopolizado pelos eclesiásticos, que Sanches não sofre ver privilegiadíssimos, mesmo já em tempo em que as condições de vida, que poderiam explicar tais privilégios, haviam profundamente mudado; a viva condenação do anacrônico peripatetismo, que numa carta para Teodoro de Almeida qualificava de parvoíce de frades; finalmente, a adaptação do ensino à criação de valores que pudessem integrar-se na vida do tempo – uma escola militar para nobres, com muito exercício para o desenvolvimento da agilidade e robustez – ginástica, esgrima, dança – mas também com línguas modernas- castelhano, francês, inglês – Matemáticas elementares, geografia e História, princípios de Direito Civil. Político e Pátrio, além de conhecimentos de armas, evoluções e táctica.
>
> Outras idéias não agradariam, decerto, ao Conde de Oeiras, como a da liberdade de consciência, a que punha limitações longe de coincidirem com as que o ministro absolutista julgava convenientes, como a da organização rousseauliana do estado, por um contrato entre os povos e o soberano, etc.
>
> Em todo o caso, os princípios essenciais aproveitou-os o conde na fundação do Colégio dos Nobres, que viveu, como Sanches preceituara, isento de directa influência da igreja, destinado à preparação para funções do estado, e de programas animados por vivo sopro de pragmatismo.[37]

Segundo Maxwell, os escritos de Antônio Pereira de Figueiredo[38] e João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho forneceram a justificativa para as reivindicações seculares quanto a assuntos até então de domínio da Igreja e para a captura, pelo estado, da jurisdição antes atribuída ao domínio espiritual.[39]

Como dissemos, o Brasil era colônia de Portugal onde não existiu o feudalismo tal como nos termos da Europa. Talvez isto explique o por quê de os primeiros experimentos na educação serem iniciados aqui. Tratava-se de um local onde não existiam leis rígidas, não habitando também homens com culturas tradicionais como os nobres e clero em Portugal.

---

[37] Cidade (1975, p.58-59).

[38] Uma série de livros e cartas do oratoriano Antônio Pereira de Figueiredo foi particularmente influente em Portugal. As duas primeiras edições do seu Tentativa teológica (Lisboa, 1766), perfazendo ao todo 1.600 exemplares, esgotaram-se rapidamente. (MAXWELL, 1996, p.102).

[39] A tarefa de Azevedo Coutinho era justificar a instalação de bispos sem recorrer a Roma. A experiência francesa revelou-se especialmente atrativa par os reformadores eclesiásticos portugueses. (Id.).

É essa secularização[40] que se destaca nos objetivos da reforma educacional de 1760, a qual, segundo Maxwell, visava:

> [...] três objetivos principais: Trazer **a educação para o controle do Estado, secularizar a educação e padronizar o currículo**, assim como muitas das medidas de Pombal, os experimentos iniciais ocorreram no Brasil. **(...) Os diretores deveriam ocupar os lugares dos missionários e duas escolas públicas deveriam ser estabelecidas em cada aldeia indígena, uma para meninos e outra para meninas. Aos meninos se ensinaria a ler, escrever e contar, assim como a doutrina cristã, enquanto as meninas, em vez de contar, aprenderiam a cuidar da casa, costurar e executar outras tarefas "apropriadas para esse sexo**". Os diretores, diferentemente dos missionários, deveriam impor às crianças indígenas **o uso do português e proibir o uso de sua própria língua**. (grifo nosso)[41]

Em suas reformas educacionais, Pombal inspirou-se nas recomendações dos oratorianos, como Luís Antônio Verney[42], cujo livro resumia tanto o radicalismo como as limitações da filosofia educacional de Pombal, "era um método destinado a ser útil para a República e a Igreja na proporção do estilo e da necessidade de Portugal".[43]

---

[40] Secularização – transformação do religioso em leigo;tornar secular ou leigo (o que era eclesiástico).

[41] Maxwell (1996, p.104).

[42] "Luís Antônio Verney, o vigoroso autor do **Verdadeiro Método de Estudar**, publicado pela primeira vez em 1746. nascido em Lisboa de pai francês, fez os seus primeiros estudos no Colégio de Santo Antão dos jesuítas, em Évora. Com vinte e três anos foi estudar em Roma voltando a formar-se em teologia e Jurisprudência. Em 1742 foi designado pelo Papa arcediago na Catedral de Évora. Lugar de que tomou posse em Roma. Permaneceu na Itália até sua morte. Desenvolveu uma enorme atividade literária compondo numerosas obras pedagógicas e filosóficas, das quais algumas permaneceram inéditas. Insurgiu-se contra a fraca cultura dos mestres portugueses, indicando no seu Verdadeiro Método de estudar a propósito de cada setor da cultura, as obras que considerava mais eminentes e que os professores nacionais ignoravam no ensino." (MAGALHÃES, José Calvet de. **História do pensamento econômico**: da Idade Média ao mercantilismo. Coimbra, 1967. p.360). Interessante verificar também a crítica de Verney à concepção escolástica de filosofia: "Eu verdadeiramente não sei se as escolas de Filosofia deste reino têm pior método que as escolas baixas. Sobre isso havia muito que dizer. O que sei, porém, é que nestes países não se sabe de que cor seja isto a que chamem boa Filosofia. Este vocábulo, ou por ele entendamos ciência, ou, com rigor gramático, amor da ciência, é vocábulo bem grego nestes países. Verá V. P. que se dá este nome a coisas bem galantes: Universais, Sinais, Proemiais, e outras coisas destas. Os pobres rapazes passam os seus três e quatro anos lendo arengas mui compridas; e saem dali sem saberem o que leram, nem o com que se divertiram. Falo do estilo das Universidades: porque o das outras escolas é o mesmo quanto à matéria; e ainda pouco diferente quanto à disposição". (VERNEY, Luís Antônio. Verdadeiro Método de Estudar, v.III, p.3-4 apud ALVES, G. L. **O pensamento burguês e o plano de estudos do Seminário de Olinda (1800-1836)**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1991.

[43] Maxwell (1996, p.104).

Para dar execução à reforma, Pombal criou o posto de diretor de estudos, com a finalidade de fiscalizar o estabelecimento de um sistema nacional de educação secundária, para o qual indicou Dom Tomás de Almeida. Somente mais tarde é que foi criada a Junta da Providência Literária, para preparar a reforma da educação superior. O diretor de estudos tinha como tarefa coordenar, preparar os relatórios anuais, inspecionar e administrar o sistema. Quanto aos professores, estes seriam pagos pelo Estado, deveriam passar por um exame público para obter suas posições, teriam privilégios só concedidos a nobres e residiriam nos conventos dos jesuítas expulsos.

Em 1771, houve a substituição do diretor de estudos pela Real Mesa Censória, ampliando o sistema educacional com a incorporação de escolas de leitura, composição e cálculos e aumentando as aulas de latim, grego, retórica e filosofia, estendendo-se até os territórios ultramarinos. Podemos destacar que:

> [...] a legislação de 1772 incluía um plano nacional relacionando as escolas e os professores com a situação socioeconômica das regiões e estabelecendo uma base financeira para o sistema mediante a introdução de um novo imposto ou subsídio literário para cobrir esse custo.[44]

A reforma da Universidade de Coimbra, ocorrida em 1772, foi um dos mais importantes aspectos da reforma educacional de Pombal, pois teve um resultado que se prolongou pelas demais gerações. Sua síntese pode ser exposta nos seguintes termos:

> Para preparar os novos estatutos da universidade, criou-se a Junta da Providência Literária em dezembro de 1770. O onipresente e maleável Dom João Cosme da Cunha era o presidente da junta e Francisco de Lemos tornou-se o reitor da reforma. Francisco de Lemos e seu irmão compuseram os novos estatutos da universidade. João Pereira Ramos coordenou a parte jurídica em estreita colaboração com o marquês de Pombal, enquanto Francisco de Lemos concentrou-se nos novos estatutos relacionados com as ciências naturais e a matemática. Frei Cenáculo foi também membro da Junta da Providência Literária. A intervenção pessoal de Pombal colocou Cenáculo nessa comissão, onde **Pombal tomou parte ativa em discussões, tendo ele próprio presidido algumas sessões da junta**. A universidade foi fechada durante as fases finais da reforma e

[44] Maxwell (1996, p.105).

> **Pombal supervisionou pessoalmente a inauguração da instituição reformada durante uma estada de 32 dias em Coimbra,** de setembro a outubro de 1772. Os indivíduos-chave que o auxiliaram foram: José Seabra da Silva, co-autor da Dedução cronológica, frei Manuel do Cenáculo, João Pereira Ramos, Dom Francisco de Lemos, Pascoal José de Melo Freire, Antônio Nunes Sanchez, Jacobo Castro Sarmento e, é claro, Vernei".[45]

Ou seja, a Reforma da Universidade confirma o caráter empreendedor de Pombal. Ele visava: modernizar as faculdades de teologia e de lei canônica, incorporar o estudo de fontes portuguesas no currículo da faculdade de direito, atualizar a faculdade de medicina, fazendo voltar o estudo de anatomia por intermédio da dissecação de cadáveres, antes era proibida por questões religiosas.

Desta forma, o novo currículo e a existência de laboratórios eram inovações excepcionais para a época. Uns dos primeiros trabalhos da Junta foi justificar a reforma, atribuindo a decadência da universidade aos jesuítas. A declaração dos objetivos do processo da reforma da universidade veio do próprio Francisco de Lemos:

> Não se deve encarar a universidade como um corpo isolado, preocupado apenas com seus próprios negócios, como sucede normalmente, mas como um corpo no coração do Estado que, mercê de seus intelectuais, cria e difunde a sabedoria do Iluminismo para todas as partes da Monarquia a fim de animar e revitalizar todos os ramos da administração pública e de promover a felicidade do Homem. Quanto mais se analisa essa idéia, maiores afinidades se descobrem entre a universidade e o Estado; quanto mais se vê a dependência mútua desses dois corpos, mais se percebe que a Ciência não pode florescer na universidade sem que ao mesmo tempo floresça o Estado, melhorando e aperfeiçoando a si mesmo. Essa compreensão chegou muito tarde a Portugal, mas enfim chegou, e estabelecemos sem dúvida o exemplo mais perfeito e completo da Europa atual.[46]

Pombal, da mesma forma que seus antecessores em suas reformas econômicas, defrontou-se com a limitada capacidade empresarial de Portugal. Na área da

---

[45] Maxwell (1996, p.110).

[46] Lemos (apud MAXWELL, 1997, p.114). Fragmento da Relação Geral do Estado da Universidade, 1777, Coimbra: reprodução em fac-símile, 1983, p.232.

reforma educacional, Pombal utilizou-se dos estrangeirados[47], os quais iam se revezando de instituição em instituição, devido à não existência de indivíduos com mentalidade moderna em Portugal. Devemos salientar que o nome estrangeirado equivale à concretização do iluminismo em Portugal. Podemos até dizer que é uma forma maldosa de tratar estes homens, mas esses eram essenciais para a implantação do Iluminismo.

No plano econômico, sua proposta enfrentava a complexa situação externa de concorrência entre as potências européias. Ele acreditou inicialmente que poderia manter uma política de neutralidade, mas os franceses estendiam sua política de dominação à Península Ibérica, cujo objetivo era impedir a entrada do comércio britânico no continente, inclusive fechar o acesso britânico aos portos de Portugal no Atlântico, forçando assim Portugal a entrar na disputa. Acaba então por incentivar a construção de manufaturas no Brasil, assinalando uma inovação na política colonial portuguesa.

Sua Reforma atinge o Brasil não apenas quanto a uma nova forma de aproveitar as riquezas coloniais, mas também quanto a racionalizar e padronizar a administração, a organização militar e o treinamento educacional sob a alçada do Estado. Medidas foram tomadas também para que, onde fosse necessário, as diferenças de raça e etnia não fossem barreiras. A língua portuguesa deveria ser utilizada como um meio de integrar as comunidades nativas e os casamentos de nativos com europeus eram encorajados no interesse de aumentar a população. Porém, essas boas intenções foram modificadas pelas circunstâncias locais. Quando Pombal podia governar de perto, o governo agia com eficiência, mas nem sempre isso era possível, principalmente com o Brasil.

A última década do governo de Pombal foi um período de muitas alterações no ambiente econômico de Portugal e vários setores da economia colonial enfrentaram dificuldades, a pressão da concorrência restringiu o acesso ao mercado do açúcar brasileiro, o que se percebeu rapidamente nos portos portugueses. Muitos

[47] Estrangeirados – homens que saiam de seu país e iam estudar em outros países da Europa.

comerciantes se retiraram, entretanto, aqueles, com grande suporte econômico, com quem Pombal tinha contato, permaneceram. As exportações de vinho e tabaco não foram afetadas. Somente quem estava ligado ao comércio do ouro foi quem sofreu impacto drástico.

Não vamos entrar nos detalhes dos avanços e retrocessos da política modernizadora de Pombal, o que merece destaque em nosso texto é que essas novas condições econômicas produziram um ambiente favorável ao crescimento das manufaturas. Pombal viu a competitividade dos produtos aumentada pela queda na capacidade de importar dos portugueses. Muitas das manufaturas criadas estavam ligadas aos produtos de luxo e o Estado português concedia-lhes privilégios de monopólio, isenção de impostos e fornecimento de matérias-primas.

Todas as mudanças ocorridas em Portugal não podem ser atribuídas apenas a Pombal, mas a uma complicada interação das transformações sociais e econômicas, da política internacional e das decisões diplomáticas que fizeram gerar tantas alterações e inovações no campo interno de Portugal e seus domínios.

Assim, segundo Maxwell, nota-se que Portugal nunca se esquece de sua colônia, pois ela era quem sustentava o reino. Desta forma, as mesmas condições que ajudaram a introdução de manufaturas em Portugal também incentivaram a criação de manufaturas no Brasil, especialmente em Minas Gerais, a grande produtora do ouro. O marquês de Lavradio percebeu que, no caso de Minas Gerais, algo de novo iria surgir, ”dada a sua vastidão e o espírito rebelde de sua população, tal independência era uma questão momentosa e um dia talvez viesse a produzir graves conseqüências para Portugal.”[48] Isso não só foi uma percepção, como realmente aconteceu, o que poderemos explicar melhor quando falarmos sobre os Inconfidentes.

[48] Maxwell (1996, p.152).

Quanto ao legado de Pombal, podemos dizer que ele exerceu amplos poderes, mas sempre dependendo do apoio do rei. Tanto era assim que quando D. José I sofreu um ataque apoplético em 1765, o futuro de Pombal pareceu comprometido.

Pombal preocupava-se com a continuidade de suas reformas e acreditava mais na reforma da Universidade de Coimbra, porque, a seu ver, era através das reformas educacionais que se poderia dar continuidade ao impulso modernizador, ao transformar e reformar a mentalidade dos portugueses e brasileiros que lá estudassem. Assim sendo, ao lado de tantos aspectos de sua reforma, a de Coimbra foi um dos mais elogiados pelos poetas modernos da época.

Podemos observar que a política econômica de Pombal protegia o comércio vantajoso, e aspirava desenvolver uma classe nacional de homens de negócio, desafiando os concorrentes estrangeiros.

> Para as grandes câmaras de comércio, que ajudou a criar, ele foi um herói; para os pequenos negociantes, que suprimiu, ele foi um tirano. Para os cultivadores de vinho do Porto, que protegeu, ele foi um patrono; para os proprietários de vinhedos, cujas vinhas mandou arrancar, foi uma calamidade. Diferentemente da maioria dos governantes esclarecidos, mais preocupados com a teoria do que com a prática, de uma maneira geral ele alcançou seus objetivos. Sua reforma educacional abriu as portas para o florescimento, no final do século XVIII, da ciência e da filosofia portuguesa. Os comerciantes que favoreceu tornaram-se a base de uma rica e opulenta burguesia. Em ambos os casos o papel do estado como patrono, parceiro e protetor foi decisivo. Como sublinhava Dom Luís da Cunha em seu testamento político, a liberdade de muitos foi restringida para o benefício de poucos. Desse modo, o Portugal do século XVIII foi o Estado que criou a burguesia, e não, como na América britânica, a burguesia que restringiu o Estado.[49]

A história da administração de Pombal é muito importante para se ter uma visão de que o progresso do Iluminismo no século XVIII na Europa não foi linear e passava por ações políticas que pareciam se opor aos seus próprios princípios.

[49] Ibid., p.170.

Nesse sentido, as iniciativas de Pombal tinham seus limites. De um lado, Portugal era dominado pela igreja portuguesa que era católica, defendida pelo Santo Ofício e pela Companhia de Jesus e, de outro lado, sofria a pressão dos setores produtivos que aderiam ao espírito moderno científico. Entretanto, com seu sistema de "iluminismo português", essencialmente reformista e pedagógico, não revolucionário, mas progressista, nacionalista e humanista Pombal provocou satisfação em grande parte dos intelectuais.

1.3 O ENTUSIASMO DOS ÁRCADES INCONFIDENTES COM AS REFORMAS POMBALINAS

Segundo Cândido, os homens que escreveram no Brasil durante todo o período colonial eram formados em Portugal ou formados à portuguesa[50] e este era o caso dos inconfidentes, cuja produção literária está, com maior ou menor intensidade, ligada às Reformas Pombalinas. Ou seja, no Brasil, a Inconfidência Mineira (1789), a Inconfidência Carioca (1794), a Inconfidência Baiana (1798) e a Revolução Pernambucana (1817) são consideradas como expressão do iluminismo europeu e, em particular do português. Quanto a estes movimentos, o foco da nossa

[50] Todos, ou quase todos estes homens tinham, como era próprio às concepções do tempo, uma noção muito civil da atividade científica, desejando que ela revertesse imediatamente em benefício da sociedade, como proclamavam tanto um Rodrigues Ferreira no último quartel do século XVIII, quanto o matemático Manuel Ferreira Araújo Guimarães em 1813, na apresentação da sua revista O Patriota. A eles devemos os primeiros reconhecimentos sistemáticos do território, em larga escala, seja do ponto de vista geodésio (Lacerda e Almeida), seja zoológico e etnográfico (Rodrigues Ferreira), seja botânico (Veloso, Leandro), bem como as primeiras tentativas de exploração e utilização científica das riquezas minerais (Vieira Couto, Câmara). Entre eles se recrutaram alguns dos líderes mais importantes da Independência e do Primeiro Reinado, como o naturalista José Bonifácio, os matemáticos Vilela Barbosa e ribeiro de Resende, pois muitos deles passaram (conseqüência natural da filosofia das Luzes, e solicitação de um meio pobre em homens capazes) da ciência à política, da especulação à administração. Ao seu lado avulta um segundo grupo (a que muitos deles pertencem igualmente), também formado sob o influxo das reformas do grande Marquês: são os publicistas, estudiosos da realidade social, doutrinadores dos problemas por ela apresentados, como José da Silva Lisboa (1756-1835), divulgador da economia liberal entre nós, porta-voz dos interesses comerciais da burguesia litorânea; ou Hipólito José da Costa Pereira (1774-1823), o nosso primeiro jornalista, que a partir de 1808 empreendeu no Correio Brasiliense, publicado em Londres, uma esclarecida campanha a favor da modernização da vida brasileira, sugerindo uma série de medidas do maior alcance, como responsabilidade dos governadores, representação provincial, abolição do cativeiro, imigração de artífices e técnicos, fundação da Universidade, transferência da capital para o interior." (CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7.ed.São Paulo. Companhia Ed. Nacional, 1985, p.102-103.

investigação restringe-se à Inconfidência Mineira e a Carioca, pois são aqueles nos quais se enquadra o autor do texto **O Desertor**, Silva Alvarenga, cujo ponto central é o entusiamo com a Reforma da Universidade de Coimbra, promovida em 1772. Segundo Cidade, a idéia principal dessa reforma consistia no abandono do verbalismo e das "disputas retóricas em prol da observação e do encaminhamento prático".[51]

Segundo Paim[52], a principal inovação no campo da intelectualidade nacional foi resultante da expulsão dos jesuítas, em 1759, que favoreceu a propagação do pensamento racional da ilustração. Sabemos que a situação de Portugal era peculiar em relação aos países vizinhos, onde o pensamento escolástico parecia de todo superado.

Em substituição à administração jesuítica, tanto em Portugal como no Brasil, Pombal instituiu as "aulas régias", sistema de disciplinas isoladas. Segundo Fernando de Azevedo[53], no Brasil, a primeira aula régia de filosofia criou-se no Rio de Janeiro em 1774. Posteriormente foram sendo organizadas nas principais cidades. A reunião desses professores de disciplinas isoladas num mesmo estabelecimento, em 1837, no próximo século portanto, foi o que deu lugar à formação do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro e dos Liceus Estaduais.

Assim sendo, tanto as reformas econômicas como as educacionais criaram um ambiente intelectual produtivo em Portugal e no Brasil.

Esse é um dado que contribui para a compreensão da questão, cuja abrangência requer também uma breve reflexão sobre o que acontecia em outras nações recentemente libertadas do sistema colonial, com a América do Norte.

---

[51] CIDADE, Hernani. **Ensaio sobre a crise mental do século XVIII**. 5.ed. Coimbra Editora, 1968. p.219. Cap.II – O triunfo do espírito moderno.

[52] PAIM, Antônio. **História das Idéias Filosóficas no Brasil**. 5.ed. Londrina: Ed. da UEL, 1997.

[53] AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

Já dissemos e reiteramos que muitos desses homens foram influenciados pelas novas idéias que estavam surgindo no mundo. Um fato que merece destaque foi o que ocorreu em 1776, quando as treze colônias inglesas da América do Norte proclamaram sua independência, constituindo um novo país – os Estados Unidos. Esse exemplo teve forte repercussão entre os inconfidentes mineiros.

Vale lembrar que as Inconfidências não ocorreram no governo de D. José I e sim no de D. Maria I, quando Pombal já não mais governava. Entretanto, elas foram promovidas por intelectuais da geração formada na época de Pombal e cujas idéias inovadoras, mesmo com avanços e recuos, foram cantadas em prosa e verso por vários poetas das gerações vindouras, como é o caso de Castro Alves e, atualmente, Cecília Meireles, só para citar alguns deles.[54]

Devemos destacar que os inconfidentes defendiam a independência da colônia, o regime republicano e os princípios iluministas dos pensadores Locke, Montesquieu, Rousseau e Adam Smith, cujas idéias foram fundamentais para o sucesso da Revolução Francesa de 1789 e conseqüentemente para o movimento de Independência dos Estados Unidos em 1776.

Quando analisamos os poemas produzidos pelos inconfidentes, percebemos que eles destacam nas Reformas Pombalinas exatamente os aspectos ligados aos princípios iluministas, seja relativamente ao comércio e à produção manufatureira, seja com relação ao empreendedorismo político e educacional. Evidentemente, não foram apenas as idéias ilustradas que levaram à inconfidência, mas alguns fatos

---

[54] **Gonzaga ou a revolução de Minas**, escrita por Castro Alves é um drama interessante, pois, sendo uma visão romântica dos inconfidentes, liga-os ao iluminismo e à independência dos Estados Unidos da América e, ao mesmo tempo, transforma-os em abolicionistas. Para Castro Alves, os pensadores iluministas criticavam o absolutismo, o mercantilismo e a organização da sociedade, baseada em tradições e privilégios; defendiam o respeito aos direitos naturais dos cidadãos – igualdade perante a lei, liberdade de pensamento e expressão, inviolabilidade da propriedade; acreditavam que o estado absolutista, em que o monarca detinha todo o poder, deveria ser substituído por um governo representativo, na forma de uma Monarquia Constitucional ou de uma República Democrática; condenavam a intervenção do Estado na economia, que era uma característica de mercantilismo e defendiam uma política econômica liberal, regida pelo livre funcionamento do mercado. Quanto a Cecília Meirelles, não foi possível, por falta de tempo, a leitura de seu **Romanceiro da Inconfidência**.

circunstanciais, que ora não cabe enumerar, também tiveram um papel predominante no desencadear desses movimentos.

Mencionamos apenas o mais conhecido de todos, a grave ameaça da derrama no governo de D. Maria I. A idéia de tornar a capitania independente de Portugal ficava cada vez mais forte entre alguns homens importantes de Minas Gerais. Sucediam-se freqüentes reuniões. Discutiam-se idéias e planos para concretizar o desejo de independência. Estava nascendo a Inconfidência de 1789.

Participaram do movimento: Joaquim José da Silva Xavier, Francisco de Paula Freire de Andrade, José Álvares Maciel, Carlos Correia de Toledo, Inácio José de Alvarenga Peixoto, José da Silva e Oliveira Rolim e Silva Alvarenga. Os ideólogos Tomás Antônio Gonzaga, Luís Vieira da Silva, Cláudio Manuel da Costa. Os contratadores[55] eram: Domingos de Abreu Vieira, Joaquim Silvério dos Reis e João Rodrigues de Macedo.

Os inconfidentes mineiros tinham vários planos que significavam uma continuidade das Reformas Pombalinas. Segundo Anastásia[56], os mais importantes deles eram: mudança da capital para São João Del Rei; construção de uma Universidade; constituição de fábricas de tecidos, ferro e pólvora; organização de milícias populares para defender a nova República; criação de uma casa da moeda; emissão de papel moeda; aumento do valor monetário do ouro; liberação da circulação dos diamantes.

Quanto à escravidão, havia interesse em que ela fosse mantida, pois era necessário manter o trabalho nas minas e na agricultura.

A Inconfidência Mineira não foi um fato isolado, ela estava relacionada com a situação social, econômica e política do Brasil daquela época. Na própria capitania

---

[55] Contratadores significa arrecadadores de impostos.

[56] ANASTÁSIA, Carla. **Inconfidência Mineira**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1997. Coleção Guerras e Revoluções Brasileiras.

de Minas Gerais houve muitos movimentos rebeldes. Todas essas revoltas coloniais, por sua vez, estavam diretamente relacionadas com as transformações ocorridas na Europa e nos Estados Unidos a ação de filósofos e políticos condenavam o absolutismo e o colonialismo e defendiam uma sociedade mais justa, com o fim dos privilégios e da desigualdade entre as pessoas.

Podemos destacar que os inconfidentes pensaram ainda em conseguir auxílio estrangeiro para garantir o sucesso de seu levante. Em 1786, o estudante José Joaquim da Maia[57] teve um encontro, na França, com o ministro americano Thomas Jefferson, com essa finalidade. O estudante não chegou a retornar ao Brasil, falecendo na Europa.

A Inconfidência Carioca foi um movimento diferente daquele sufocado em Minas Gerais cinco anos antes. A Revolução Francesa foi mais explícita nos inconfidentes do Rio de Janeiro, que fundaram uma Sociedade Literária para a divulgação de suas idéias. Denunciados, os conjurados foram presos e acusados de fazerem críticas à religião e ao governo, além de adotarem idéias de liberdade para a Colônia.

Entre os inconfidentes cariocas estavam o poeta Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Vicente Gomes e João Pereira. Durante dois anos e meio, os implicados no movimento ficaram presos, sendo depois libertados.

Podemos notar, assim, que o poeta Manuel Inácio da Silva Alvarenga, embora vivesse a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, manteve contatos com os

---

[57] "José Joaquim da Maia e Barbalho graduou-se em Medicina em Montpellier a 10/05/1787, com a tese: Febre crisipelatosa. No volume 8 desta edição publica-se a correspondência trocada entre ele e o Ministro Americano na França, Thomas Jefferson, em 1786 e 1787. Seu contemporâneo José Mariano Leal da Câmara Rangel de Gusmão defendeu tese no ano de 1790, também, na faculdade de medicina de Montpellier. (HGM) José Mariano Leal nela se matriculou em 07/12/1785, ao mesmo tempo que Domingos Vidal, terminando o curso médico em 21/08/1790. Ambos eram mais atrasados que José Joaquim da Maia, tendo este cursado previamente a Universidade de Coimbra (matriculo inicial em 31/10/1783), da qual se transferiu para Montpellier. Em Coimbra, foi contemporâneo de José Álvares Maciel. José Joaquim da Maia deve ter nascido no Rio em aproximadamente 1752, sendo filho do empreiteiro José de Maia e Brito, estabelecido à Rua da Ajuda, cujo correspondente no Porto, Caria Neto, se encarregava de dar-lhe uma pensão anual de 120$000, quantia bastante apreciável para um estudante na época. (TJBO)." (**Auto da devassa da Inconfidência Mineira**, v.1. Brasília, DF. Belo Horizonte, 1976.

inconfidentes mineiros, sendo o último representante da chamada Escola Mineira. Em suas obras, são nítidas as repercussões da efervescência dos movimentos europeus e americanos do século XVIII.

Na produção artística, como mencionamos, em meados do século XVIII juntou-se à literatura brasileira e portuguesa influências das correntes ilustradas do momento: a literatura clássica de inspiração francesa e do arcadismo italiano.

A tendente confiança na razão procurou substituir ou alargar a visão religiosa; o ponto de vista moral completou-se, principalmente nas interpretações sociais, e, no lugar da transfiguração da natureza e dos sentimentos, sobressaiu a fidelidade ao real.

Segundo Cândido:

> As condições econômicas eram outras, impondo-se a libertação dos monopólios metropolitanos – sobretudo o do comércio – num país que sofrera o baque do ouro decadente e necessitava maior desafogo para manter a sua população. As revoluções norte-americana e francesa, o exemplo das instituições inglesas, o nascente liberalismo oriundo de certas tendências ilustradas, completariam o impacto do pombalismo, formando um ambiente receptivo para as idéias e medidas de modernização político-econômico e cultural, logo esboçadas aqui com a presença da Corte, a partir de 1808. No Brasil joanino conjuram-se as tendências e as circunstâncias, tornando inevitável a autonomia política.[58]

Assim, a Época das Luzes no Brasil tem ligação direta com o ideal setecentista das Reformas Pombalinas exposta anteriormente. Importante salientar que as manufaturas foram introduzidas no Brasil, visando uma transformação na produção e conseqüentemente no campo das idéias[59] e o que aconteceu nesse momento teve repercussão na Independência brasileira.

---

[58] CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7.ed. São Paulo. Editora Nacional, 1985. p.96.

[59] Segundo: ALVES, G. L. **Educação e história em Mato Grosso**: 1719-1864. Campo Grande: UFMS/Imprensa Universitária, 1984. No Brasil, a produção manufatureira foi dominante até meados do século XIX, quando se instalaram as primeiras unidades fabris características do período identificado pela maquinaria industrial. [...] As manufaturas que se desenvolveram no país

1.4 ACADEMIAS COMO ORGANIZAÇÃO DA CULTURA ILUMINISTA

Nesse momento em que há o hibridismo cultural e ideológico, como mencionamos, os poetas brasileiros foram estudar em Coimbra, na Universidade Reformada, trazendo as idéias ilustradas para o Brasil, criando aqui grupos de intelectuais. No interior destes grupos, surgiram os movimentos inconfidentes. Reiteramos que o Iluminismo disseminado em Portugal era diferente do que o Iluminismo propiciou no Brasil, como também nos outros países.

Se, antes, na composição de O Desertor, Silva Alvarenga, expressava seu otimismo educacional em relação às Reformas Pombalinas, sua primeira iniciativa no Brasil foi a criação em 1786, sob o governo de Luís de Vasconcelos, da Sociedade Literária[60], voltada realmente para temas científicos, como nos demonstra Holanda:

> [...] deduz-se que a sociedade estava realmente voltada para os temas científicos: observação do eclipse total da Lua, em 1787, determinação do longitude da cidade, estudo sobre o calor da Terra considerado fisicamente, análise da água, método de extrair a tinta do urucu, danos causados pelo alcoolismo,etc.[61]

A sociedade funcionou normalmente até 1790, mas com a chegada do Conde de Resende, as reuniões se encerraram, voltando a funcionar em 1794, prédio do Cano (Sete de Setembro), em cujo andar superior morava Manuel Inácio da Silva Alvarenga, professor régio de retórica e que era a alma da Sociedade.

---

neste momento foram os engenhos de açúcar, que praticavam a produção em larga escala. Sobre este assunto é interessante ler: ANTONIL, André. **Cultura e Opulência no Brasil**. 3.ed. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Edusp, 1982, em que diz: O senhor de engenho deve ser homem de cabedal (financeira) e governo (administrativa). Dos senhores dependem os lavradores e quanto mais preparado e dedicado mais o senhor é procurado. Também é exposto toda a estrutura de um engenho de açúcar, o que Antonil faz com uma riqueza de detalhes impressionante.

[60] "A Academia Científica, fundada no Rio em 1771 por médicos, e reformada sob o nome de Sociedade Literária em 1786, para durar intermitentemente até 95, propagou a cultura do anil e da cochonilla, introduziu processos industriais, promoveu estudos sobre as condições do Rio e acabou criticando a situação da colônia, com base em Raynal e inspirações também em Rousseau e Mably." (CÂNDIDO, 1985, p.97).

[61] HOLANDA, Sérgio B. de. **A época colonial**: administração, economia, sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

Os temas, até então científicos, passaram a ser filosóficos e políticos, as reuniões eram realizadas sempre em horários noturnos sem uma duração exata. No entanto, as conversações ali tidas chegaram aos ouvidos do vice-rei, por um sócio da Sociedade, José Bernardo da Silva Frade, o que serviu de base à devassa, como também pelo Frei Raimundo Penaforte da Anunciação. Segundo Holanda, "Silva Alvarenga atribui-lhe a denúncia à inimizade pessoal[62] em virtude de umas sátiras contra os frades, cuja autoria ele rejeitava".[63]

A Sociedade foi suspensa pelo vice-rei. Mas os intelectuais continuavam a se reunir clandestinamente. O que levou à devassa, que se realizou em dezembro de 1794. Em junho todos os bens e papéis de Silva Alvarenga foram juntados. Houve, também, dificuldade de julgamento dos presos, pois sua única atitude era a de se reunirem e propagarem as transformações que ocorriam na França. Como não tinham provas, os culpados foram soltos. Silva Alvarenga voltou a ensinar retórica, mas, segundo Afonso Arinos, devido à prisão, acabou se tornando recolhido e esquivo.

No início do século XVIII eram poucas as manifestações culturais iluministas na colônia, porque não havia uma socialização entre os literatos para comentar o fenômeno literatura. Somente com a economia do ouro é que foi possível formar um grêmio de eruditos e literatos como se fazia em Portugal e em toda a Europa. Existia em Portugal, a Academia dos Singulares, a dos Generosos, a dos Solitários, a dos Únicos, a Instantânea e a dos Ilustrados.

Quanto às academias brasileiras, estas foram o último local em que se falou sobre o barroco e o primeiro a expor uma cultura embasada nas idéias intelectuais da

---

[62] O fato da intriga entre ambos foi que Frei Raimundo na tradução de uma obra italiana de Marchetti fez algumas notas contra o Padre pereira e contra o seu patrono, o Marquês de Pombal. Silva Alvarenga sendo amigo de Basílio da Gama, que era íntimo de Pombal, foi defensor do pombalismo, logo houve contra as notas do Frei Raimundo uma profunda reação. A amizade era tanta que uma marca importante da poesia de Silva Alvarenga era a sua devoção ao amigo e mestre Basílio da Gama.

[63] Holanda (1997, p.407).

Europa no Iluminismo. Na Bahia, tivemos a Brasílica dos Esquecidos (1724-26) e a Brasílica dos Renascidos (1759-1760). No Rio de Janeiro, a Academia dos Felizes (1736-1740) e a Academia dos Seletos[64] (1752), esta onde os poetas se reuniam durante horas para celebrar datas religiosas ou engrandecer os feitos de autoridades coloniais. Todas anteriores à reforma, o que significa que já existia um ambiente intelectual propício às inovações científicas de Pombal.

A Academia Brasílica dos Esquecidos tinha por plano estudar a história natural, militar, eclesiástica e política do Brasil e discutir os versos compostos pelos acadêmicos. Estes compunham acrósticos e mesósticos[65], sonetos jocosos[66] e plurilíngües.

A Academia Brasílica dos Renascidos[67], que tinha por símbolo uma Fênix entre chamas, apresentava os mesmos exemplos de cultismo da Academia dos Esquecidos, que propunha reviver.

Segundo Bosi, da Academia dos Felizes, no Rio, pouco se sabe. Quanto a Academia dos Seletos, também no Rio, esta comemorava datas religiosas, com atos acadêmicos, que eram sessões que duravam horas.

Todas essas Academias demonstram que já havia na Colônia, na primeira metade do século XVIII, uma consciência e necessidade de grupos, que não ficaram somente na imitação da Europa, mas sabiam da história local, dos seus problemas e

---

[64] Foi uma Academia menos ambiciosa. O Presidente era o Padre Mestre Francisco de Faria, jesuíta. Era uma Academia voltada para a religião, com valores de devoção e lealdade à igreja e à Coroa.

[65] Acrósticos e mesósticos – composição poética na qual o conjunto de letras iniciais (e por vezes as mediais ou finais) dos versos compõe verticalmente uma palavra ou frase.

[66] Sonetos jocosos – composição poética de quatorze versos, divididos em dois quartetos e dois tercetos, provocando o riso.

[67] A Academia dos Renascidos, fundada na Bahia em 1759 por um grupo de legistas, clérigos e latifundiários, abordava temas literários e históricos, - de uma história lendária e próxima à epopéia, ou de uma crônica mais ou menos ingênua de acontecimentos. Dela resultaram os **Desagravos do Brasil**, de Loreto Couto, a **História Militar**, de José Mirales, as **Memórias para a história da capitania de São Vicente**, de Frei Gaspar da Madre de Deus. **(**CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos da teoria e história literária. 7.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985, p.97.

também das transformações que lá ocorriam. Podemos notar que as Academias assinalam um instante fundamental na formação da nossa literatura, ao congregar homens de letras de várias partes da colônia, num primeiro lampejo de integração nacional.

Segundo Cândido:

> As Academias, por exemplo, na medida em que pesquisaram o passado, valorizavam as figuras de brasileiros natos e exaltaram os seus feitos, acentuando os traços próprios e a capacidade virtual de autodeterminação política do país. Deste modo, prepararam as atitudes nacionalistas em formação, no próprio movimento com que atacavam e celebravam os valores do colonizador. A última das Academias deslizou francamente para os tons mais acentuados do espectro; é a Sociedade Literária, do Rio, fechada em 1794 por se haver transformada numa espécie de clube político de administradores da Revolução Francesa, que discutiam a legitimidade do estatuto colonial e acabaram por isso presos e processados.[68]

Podemos dizer que o século XVIII representou um momento de maturação da cultura e da literatura do Brasil. Observamos nele a ocorrência de temas novos, nos quais a realidade interna aparecia sempre em conexão com fatores externos, bem como formas de composição diferentes para exprimirem aquela realidade.

Assim, os poetas inconfidentes, retratando os fatos tanto europeus como brasileiros em seus poemas, deixaram para a história uma literatura riquíssima em detalhes sociais, políticos e econômicos dos países europeus, principalmente de Portugal e do Brasil-Colônia.

Assim, podemos observar que tanto os Inconfidentes mineiros como os fluminenses eram frutos da ideologia iluminista que surgiu e se alastrou por toda a Europa, mesmo antes das reformas Pombalinas. As condições políticas, sociais e econômicas explicavam a aceitação dessa ideologia e do esforço em as executar no país.

---

[68] CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e consciência nacional**. Suplemento Literário. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas.

2 A REFORMA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA EM O DESERTOR

Como vimos no primeiro capítulo, o Iluminismo setecentista constituiu o acervo das inovações filosóficas e progressos científicos que proliferavam por toda a Europa. Inovações que, umas mais outras menos, não se impuseram sem um conflito entre a Fé e a Ciência, entre Estado e Igreja, entre relações feudais e relações capitalistas. No caso da educação, houve o desmoronamento da escolástica. É claro que a Companhia de Jesus defendeu seu último reduto, tentando impor seus princípios que vigoraram por séculos. Porém, a transformação que dava suporte às novas idéias se alastrava e uma nova classe surgia e impunha seu poder.

Segundo Marx:

> As idéias de classe dominante são também as idéias dominantes de cada época, ou, por outras palavras, a classe que é a potência material dominante da sociedade é também a potencia espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção intelectual, de maneira que, em média, as idéias daqueles a quem são recusados os meios de produção intelectual estão desde logo submetidas a essa classe dominante. As idéias dominantes não são mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes, colhidas em forma de idéia e, por conseguinte, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, o que equivale a dizer que são as idéias da sua dominação. Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outros, uma consciência e pensam em conseqüência. Enquanto dominam como classe e determinam uma época histórica em toda a sua amplitude, obviamente esses indivíduos dominam em toda a extensão da sua classe dominam, entre outros, como seres pensantes, como produtores de idéias e, regulamentam a produção e a distribuição das

> idéias da sua época. As suas idéias são, pois, as idéias dominantes da época a que pertencem.[12]

Entendendo que, mudando-se a condição de vida, mudam-se as relações sociais e a existência social e, numa relação dialética, mudam-se também as idéias, esta citação nos ajuda a afirmar que, como representante da nova classe dominante, detendo o poder e ditando as regras a serem seguidas, o 1º Ministro de D. José I encontrou muitos seguidores, entre intelectuais, artistas e poetas, revelando, portanto, essa integração entre transformações políticas, econômicas, sociais, filosóficas, científicas, educacionais e artísticas.

Com este pressuposto, ou seja, de que a arte e, em nosso caso particular, a literatura, não podem ser entendidas profundamente fora da história do trabalho, defendemos a idéia de que **O Desertor** é uma obra de arte que reflete esse momento histórico da política e da economia colonial.

Segundo Teixeira o discurso pombalino destacou-se tanto nas práticas político-sociais quanto nas letras e nas artes em geral.

Caracterizando o período como Mecenato Pombalino, Teixeira afirma que o próprio Ministro se incluiu como assunto nas poéticas portuguesas do período, sobretudo nas letras, fazendo-se presente também na arquitetura, na gravura, na pintura e na historiografia do tempo.

Com essas afirmações preliminares, iremos analisar a obra **O Desertor**, cujo autor foi um homem que vivenciou o seu tempo e o registrou nesse poema herói-cômico.

---

[12] MARX, K.; ENGELS, H. **A Ideologia Alemã**. Oeuvres, t.V, p.35, Mega.

2.1 SILVA ALVARENGA, UM ÁRCADE QUE VIVENCIA DUAS INCONFIDÊNCIAS

Para uma melhor compreensão da produção poética de Silva Alvarenga, juntamos informações sobre sua vida. Ele nasceu em 1749, em Vila Rica, hoje Ouro Preto, Minas Gerais e faleceu em primeiro de novembro de 1814 no Rio de Janeiro[13]. Oriundo de gente pobre, era músico humilde o pai do poeta e a mãe, mulher de cor; educou-se com dificuldade. Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra de 1771 a 1776, período em que se aproximou de Basílio da Gama. O fato de ter estudado na Universidade de Coimbra durante a Reforma promovida nessa Universidade por Pombal, possibilitou contatos com as mudanças ocorridas, vivenciando fatos e mantendo contato com escritores que difundiram o pensamento iluminista.

Silva Alvarenga era um estudioso não só das principais literaturas européias, inclusive a inglesa, como de matemática e de ciências físicas e naturais.

Ele defendeu, como tantos outros, a nova política educacional do Marquês de Pombal. Segundo Bandeira, "Ali, ainda estudante, escreveu um poema herói-cômico, **O Desertor das Letras**, sátira aos velhos métodos de ensino seguidos na Universidade antes da reforma do Pombal, poema que foi editado à custa ou por ordem do ministro."[14]

Assim, após ter manifestado sua adesão aos ideais de Reforma Pombalina, ele regressou ao Brasil em 1777. Exerceu a advocacia em Rio das Mortes tendo sido,

---

[13] "Silva Alvarenga era de alta estatura, de compleição forte e repleto sem ser obeso; seu semblante tinha alguma coisa de carregado a que dava ainda mais gravidade a sua cor parda, e a sua voz ressenta-se do sotaque brasileiro por nimiamente pausada. Era lhano e complacente no trato familiar; gozou sempre da reputação do honrado e passava pelo primeiro advogado de seu tempo, e como também instruído na matemática, na música, no grego e latim, no francês, italiano, inglês e espanhol. Morreu solteiro e não deixou descendentes". (HOUAISS, Antônio. **Nossos Clássicos**. Rio de Janeiro: Editora AGIR, 1958, p.4).

[14] BANDEIRA, Manuel. **Noções de história das literaturas**. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1960, p.443. Importante destacarmos que o título original é **O Desertor**, mas muitos livros didáticos trazem o nome de **O Desertor das Letras**, letras referindo-se aos estudos escolásticos tidos até então.

no Rio, professor de Poética e Retórica[15], membro ativo da Sociedade literária desde 1786, ficando conhecido por suas idéias afrancesadas. Orientou a mocidade no sentido de um gosto literário que, graças à Literatura Francesa, começava na Europa a ser concebido. Estimulou o teatro e, sob a suspeita de propagar idéias subversivas, esteve preso por três anos (1794-1797). Foi um dos patronos da Academia Brasileira de Letras.

Segundo Cândido, Silva Alvarenga foi o mais liberal dos poetas arcádicos iminentes, manifestando claramente as então chamadas idéias francesas. Na Sociedade

---

[15] Silva Alvarenga teve vários alunos, entre eles: Domingos Vidal de Barbosa laje. Nascido em 1761, em Santo Antônio do Juiz de Fora, filho do Capitão Antônio Vidal e de Tereza Maria de Jesus. Formou-se em medicina em Bordéus. Apesar de sua participação na conspiração ter sido bastante discreta, foi condenado a degredo para o Arquipélago do Cabo Verde, tendo falecido na Ilha de São Tiago, Convento de São Francisco da Cidade, Ribeira grande, em princípios de setembro de 1793. Era poeta e escreveu: “Ode a Afonso de Albuquerque” e “Ode a Luís de Vasconcelos” (A.M.D.) Domingos Vidal matriculou-se na Universidade de Montpellier a 7-12-1785 e se transferiu para a faculdade de Medicina de Bordéus em maio de 1787, onde em 1788 fez seus atos finais e diplomou-se. Antes de partir para a Europa (não aparece matriculado na Universidade de Coimbra), fez preparatórios no Rio de janeiro com Manuel Inácio da Silva Alvarenga; este, já professor-régio de retórica desde 1782 (agosto), foi fundador da Sociedade Literária do Rio de janeiro (6-06-1786) e já era sócio-correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa desde sua fundação (1779). (TJBO). José de Resende Costa (filho) fora igualmente aluno de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, no Rio de janeiro. (TJBO). (p.216). Os dois Resende Costa – pai e filho – seriam presos em 1791 e remetidos para o Rio de Janeiro a fim de serem julgados pela Alçada. O segundo conseguiu voltar ao Brasil, depois de alguns anos de permanência em Caba Verde e em Lisboa. Representou a Província de Minas gerais na Assembléia Constituinte de 1823. A exemplo de Pe. Manuel Rodrigues da Costa, fez parte do grupo de deputados mineiros às Cortes Gerais que recusaram viajar para Lisboa. (HGM) Pai e filho nasceram em Prados, então pertencente à Vila de São José, respectivamente em 1728 e 1765. Este foi aluno, no Rio de Manuel Inácio da Silva Alvarenga. Foram ambos (pai e filho) presos a 15/05/1791, à ordem da Alçada, pelo S. M. (Ord.) Antônio José Coelho comandante de Cachoeira do Campo, e foram conduzidos para o Rio (27-05) sob escolta do Tem. Fernando de Vasconcelos Parada e Sousa, acompanhados pelo Dês. Manitti, sendo entregues à Cadeia da relação em 03/06. Condenados a degredo para Cabo verde, seguiram para Lisboa com os réus eclesiásticos, de onde foram remetidos para a Ilha de São Tiago. O secretário do Governo, o brasileiro e naturalista Dr. João da Silva Feijó, garantiu-lhes a melhor assistência. O pai faleceu em 1798, aos 70 anos, em Ribeira Grande. O filho voltou ao Brasil em 1809, onde veio a falecer a 17/06/1841. (TJBO). (p.254). José Bernardo da Silveira Frade foi assíduo freqüentador da casa e da Sociedade Literária de Manuel Inácio da Silva Alvarenga. Era solicitado de causas no Rio de janeiro. Sob a influência de Frei Raimundo Penaforte, custódio do Convento de S. Antônio, e ressentido com Silva Alvarenga, denunciou-lhe a Sociedade Literária como um clube de jacobinos, já antes mandado fechar pelo Conde de Resende. Em dezembro de 1794, foram seus antigos membros presos. Silva Alvarenga só foi restituído à liberdade em 1797. (TJBO). (p.319). O Professor Régio de grego no Rio de Janeiro era o padre João marques Pinto, amigo íntimo de Silva Alvarenga e seu companheiro na Sociedade Literária, a par do Dr. Jacinto José da Silva Quintão (estudante em Montpellier de 28/06/76 a 1778), Dr. Vicente Gomes da Silva idem de 02/10/1787 a 04/11/1791), mariano José Pereira e José Antônio de Almeida (alunos de Silva Alvarenga), Dr. Estácio Gularte e outros. (TJBO). (p.325).

Literária, seus confrades eram simpáticos aos escritores ilustrados e à Revolução Francesa, promoviam-se discussões, nas quais se abordavam, por exemplo, idéias subversivas sobre a tirania intelectual do clero, sobre as teorias dos Enciclopedistas e a insuficiência do estatuto colonial para promover os destinos do Brasil. Acusado de jacobinismo, viu-se envolvido na Devassa ordenada pelo Vice-Rei Conde de Rezende em 1794. Preso em fins deste ano, como mencionamos, só foi solto em meados de 97, por mercê de D. Maria I, sem ter sido condenado.

Depois disso, em 1799, apareceram em Lisboa, na Oficina Nunesiana, as suas poesias amorosas, reunidas em livro sob o nome de Glaura. Continuou a advogar e a ensinar, mas parece que escrevendo pouco até 1814, quando morreu, solteiro, tendo podido assistir às primeiras reformas e inovações da fase joanina, inclusive o aparecimento da imprensa, o que o ajudou a colaborar na fundação d' O Patriota, a mais importante das primeiras revistas brasileiras. A sua biblioteca foi incorporada, ao menos em parte, à Biblioteca Real.

Homem erudito e sensível, patriota e ilustrado, escreveu mais de um verso em apoio à política cultural do Marquês, notadamente o poema **O Desertor** (1774), publicado às expensas do poderoso Mecenas. Escreveu também vários poemas didáticos onde, velada ou diretamente, manifestava seus ideais políticos e seu entusiasmo pela instrução como um meio de condução ao progresso. Serviu de ponte entre os escritores coloniais e os que participaram do movimento da independência. Além de algumas poesias, publicou em vida os dois livros mencionados.

Fica claro, em vários de seus poemas, adesão às Reformas Pombalinas. Na Epístola a José Basílio da Gama, Termindo Sipélio, com quem entra em profundas relações por participarem da propagação pombalina e de quem se fez grande amigo e em companhia de cujo irmão, o Pe. Antônio Caetano de Vilas Boas, retornou ao

Brasil[16]. Silva Alvarenga exaltou a política renovadora e dinâmica de D. José I, destacando suas ligações com o iluminismo, bem como o incremento das letras, do comércio das armas e da cultura. Ele apresenta essa política como uma possibilidade de recuperar para o mundo um novo Portugal:

> Do trono régio, augusto, benigno um astro brilha
> Entre esperança, amor, respeito e maravilha,
> E á clara luz, que nasce do cetro e da coroa,
> Grande se mostra ao mundo, nova, imortal Lisboa:
> Se ela o terror levou nas voadoras faias
> Por incógnitos mares a nunca vistas praias,
> Se entre nuvens de setas ao meio do alfanjes
> Foi arrancar as palmas, que ainda chora o Ganges,
> Da paz no amável seio, à sombra dos seus louros
> Hoje aplana os caminhos aos séculos vindouros:
> **A glória da nação se eleva, e se assegura**
> **Nas letras, no comércio, nas armas, na cultura.**
> **Nascem as artes belas, e o raio da verdade**
> **Derrama sobre nós a sua claridade.**
> **Vai tudo a florescer, e por que o povo estude**
> **Renasce nos teatros a escola da virtude.**
> **Consulta, amigo, o gênio, que mais em ti domine:**
> **Tu podes ser Molière, tu podes ser Racine.**
> **Marqueses tem Lisboa, se cardeais Paris.**
> **José pode fazer mais do que fez Luis.**[17]

---

[16] Silva Alvarenga fez poemas destinados ao amigo Basílio da Gama. São eles: O Templo de Netuno por Alcindo Palmireno Árcade Ultramarino (1776); A Gruta Americana por Alcindo Palmireno árcade ultramarino a Termindo Sipílio árcade romano (1779); Epístola a José Basílio da Gama, Termindo Sipílio (1831). De **A Gruta Americana** podemos citar: Ai, Termindo, rebelde o instrumento. Não corresponde à mão, que já com glória. O fez subir ao estrelado assento. Sabes do triste Alcindo a longa história. Não cuides que os meus dias se serenam. Tu me guiaste ao templo da Memória. Torna-me às Musas, que de lá me acenam. O poema é oferecido por Alcindo Palmireno, isto é, Silva Alvarenga, a Termindo Sipílio, isto é, Basílio da Gama, que morreu em Lisboa, em 1795. Silva Alvarenga, preso em 1794, escreveu esse poema – em que oferece ao trono lusitano gratidão, lealdade, amor, sangue e a própria liberdade, em nome da América, isto é, do Brasil – antes de saber da morte de Basílio da Gama, contando com sua intercessão. Basílio da Gama já deveria saber de sua prisão – "Não cuides que meus dias se serenam" -; cumpria-lhe, a ele que o guiara ao templo da memória, isto é, das Artes, conseguir que Silva Alvarenga pudesse voltar aos seus trabalhos favoritos, pois que as Musas, do templo, acenam para ele, a fim de que retorne à poesia, isto é, à liberdade para poetar. In: SILVA ALVARENGA, Manuel Inácio da. Poesia. Coleção Novos Clássicos. Livraria AGIR Editora, Rio de Janeiro, 1958.

[17] Silva Alvarenga (apud CÂNDIDO, 1974, p.178-179).

Notamos, nestes versos, um entusiasmo e esperança no Rei D. José que iria fazer bem mais do que fez o seu antecedente, melhorando em todos os aspectos a metrópole. Há a presença de adjetivos que exaltam a figura do rei, como esperança, amor, respeito e maravilha.

Vemos nos versos acima a presença do otimismo educacional, expressão mais importante para nossa análise, no momento em que expõe que a nação só se propagará quando houver glórias nas letras. Expõe também o comércio e a cultura, como complementos de um processo geral.

> A glória da nação se eleva, e se assegura
> Nas letras, no comércio, nas armas, na cultura.[18]

Ainda nos versos seguintes continua exaltando o estudo e o renascer nos teatros a escola da virtude.

> Derrama sobre nós a sua claridade.
> Vai tudo a florescer, e por que o povo estude
> Renasce nos teatros a escola da virtude.[19]

O poeta finaliza glorificando o rei D. José, comparando-o com D. Luís, o rei francês.

> José pode fazer mais do que fez Luis.[20]

Além dessa Epístola e de **O Desertor**, Silva Alvarenga deixou dois outros poemas pombalinos, editados após sua morte e em lugares diferentes:

> Hoje, acham-se nas obras Poéticas de Manuel Inácio da Silva Alvarenga (Alcindo Palmireno), coligidas e anotadas por Joaquim Norberto de Sousa Silva, Rio de Janeiro, Garnier, 1864: “Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo? Sebastião José de Carvalho/ Marquês de Pombal, etc, Ode.”; “Ode à

[18] Silva Alvarenga (apud CÂNDIDO, 1974, p.178-179).

[19] Id.

[20] Id.

> Mocidade Portuguesa por Ocasião da Reforma da Universidade de Coimbra".[21]

Segundo Teixeira, a Ode à Mocidade (1772) deu início ao poema herói-cômico **O Desertor**, pois nela Silva Alvarenga exalta a noção abstrata de Universidade, como centro irradiador de energia e concentração, retomada dois anos depois nesse poema herói-cômico.

Tendo participado indiretamente, como vimos, da inconfidência mineira, esse poeta árcade foi o líder da Inconfidência Carioca. Quando liberto, continuou a ensinar e chegou a ser um dos nossos primeiros jornalistas com a fundação dO Patriota. Produziu a obra **Glaura** em 1799, composta de rondós[22] e madrigais[23]. O rondó é de origem francesa e foi convertido em quadras por Silva Alvarenga, que, introduziu estribilho no início e fim da composição, permitindo uma memória musical do poema.[24]

Tal como Tomás Antonio Gonzaga em relação a Marília, neste poema, Silva Alvarenga idealiza **Glaura** como uma pastora, em termos considerados pré-românticos. Utiliza-se das árvores brasileiras como o cajueiro e a mangueira, onde Glaura repousa, como também de adjetivos dengosos, adjetivos mais destinados à mulher, por ela ser sensível, meiga.

Silva Alvarenga utiliza-se de aspectos da realidade brasileira com naturalidade, não só em **Glaura**, como também em **O Desertor**, como, por exemplo, sua descrição do Pão de Açúcar:

---

[21] Teixeira (1999, p.482).

[22] Rondó ou rondel: sucedem-se tipos iguais de quadras ou estrofes maiores, em versos de sete sílabas. Os dois primeiros versos de uma estrofe são retomados adiante, em outra estrofe. (GOLDSTEIN, 1989).

[23] Madrigal: composição curta, destinada a homenagear alguém, ora com galanteio, ora com uma confissão de amor. Pode ser estruturado em qualquer metro, mas geralmente emprega a redondilha, ou mescla versos de 6 e de 10 sílabas. (Id.).

[24] Importante ressaltar que quanto ao conteúdo, o uso dos rondós e/ou madrigais são também diferentes formas de analisar comportamentos.

> Nem tu, ó Pão de Açúcar, namorado
> Da formosa cidade, velho e forte,
> Que dás repouso às nuvens e te avanças
> Por defendê-la do furor das ondas [...][25]

Talvez por expor a natureza brasileira, ele seja considerado por alguns críticos como um dos precursores do movimento romântico.

2.1.1 Os Árcades Inconfidentes e suas Ligações Políticas

Muitos inconfidentes tiveram contato, como mencionado no primeiro capítulo, com as novas idéias que estavam se propagando em toda a Europa. Diante de todo esse novo contexto vamos encontrar vários letrados receptivos às idéias e medidas de modernidade político-econômica e cultural das Reformas Pombalinas, da Revolução Francesa e da independência dos Estados Unidos. Podemos observar que estava surgindo uma nova tendência, uma nova forma de ver o mundo e os homens começaram a perceber isto. Vários letrados aderiram às novas mudanças. Entre eles, podemos iniciar com Basílio da Gama, que não participou da Inconfidência, mas expressou um ambiente receptivo às transformações das Reformas. Basílio escreveu **O Uraguai**, emitindo uma crítica aos jesuítas e uma exaltação ao governador. Podemos perceber no poeta os ideais da nova sociedade que estava surgindo, ideais modernos, iluministas.

Muitos autores escreveram obras que expressavam as idéias do período. Quase todos os inconfidentes exaltaram as Reformas Pombalinas por dinamizar o comércio e a produção manufatureira e, de através da ciência, transformar as relações do homem com a natureza, incentivando uma nova forma de trabalho.

---

[25] (Silva Alvarenga, 1774 apud NORBERTO DE SOUZA, S. Joaquim. **Obras Poéticas de Manoel Ignácio da Silva Alvarenga (Alcindo Palmireno)**. Tomo Segundo. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1864, p.75).

Só nos resta então conhecer a vida de alguns inconfidentes e das obras que produziram, para que possamos analisar como foi a repercussão dessas novas idéias no Brasil. Entre eles podemos destacar: Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama, Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga.

Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), filho de portugueses ligados à mineração. Estudou com os jesuítas do Rio de janeiro e cursou Direito em Coimbra. Voltando para Vila Rica, aí exerceu a advocacia e geriu os bens fundiários que herdou. Era ardente pombalino e certamente foi lateral o seu papel na Inconfidência; preso e interrogado uma só vez, foi encontrado morto no cárcere, o que não se atribui a suicídio. Foi o primeiro e mais acabado poeta neoclássico, assumia o pseudônimo árcade de Glauceste Satúrnio. Tinha uma sobriedade de caráter, a sólida cultura humanística, a formação literária portuguesa e italiana e o talento de versejar. Conheceu Coimbra ainda quando era adolescente e partiu para Minas, em 1753, antes da fundação da Arcádia Lusitana.[26]

Elaborou suas obras em Coimbra, escreveu poesias narrativas como a **Fábula do Ribeirão do Carmo** e o poemeto épico **Vila Rica**, ambos retratam a oscilação em que vivia o escritor entre prestigiar a Arcádia e as suas montanhas mineiras. Fato que podemos verificar no prólogo de suas obras:

> Não são estas as venturosas praias da Arcádia, onde o som das águas inspirava a harmonia dos versos. Turva e feia a corrente destes ribeiros primeiro que arrebate as idéias de um Poeta, deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra que lhes tem pervertido as cores.[27]

Cláudio Manuel da Costa era bastante admirador das idéias pombalinas e dentre os poetas mineiros era aquele que mais preso ficou às emoções e valores da terra.[28]

---

[26] Datam desse período coimbrão o Minúsculo Métrico, romance heróico, o Epicédio em Memória de frei Gaspar da Encarnação, o Labirinto do Amor, o Culto Métrico e os Números Harmônicos, todos escritos entre 1751 e 1753. (BOSI, 1997, p.68).

[27] BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3.ed. 18ª tiragem. São Paulo: Editora Cultrix, 1997, p.71.

[28] Podemos verificar isto em Cândido (1995, p.80).

Basílio da Gama foi outro poeta mineiro, estudante jesuíta quando o decreto da expulsão dos padres o atingiu. Viajou para a Itália e Portugal, buscando obter a proteção do Marquês de Pombal. Podemos verificar em **O Uraguai** (1769), um poemeto épico, que Basílio da Gama tentou conciliar a louvação de Pombal e o heroísmo do indígena. Com versos decassílabos brancos, parecendo mais um lírico-narrativo do que épico, não nos lembrando em nada da estrutura épica tradicional, demonstra-nos o moderno e os motivos mais importantes da época como o antijesuitísmo, a ação de Pombal, os litígios de fronteiras, a altivez guerreira do índio entre outros fatos.

Há no **O Uraguai** de Basílio da Gama, um episódio que vai ao encontro do mesmo tema exposto por Silva Alvarenga em **O Desertor**. Trata-se do episódio em que, após a morte de Cacambo, a índia Lindóia procura a morte, mas, antes disso, uma feiticeira conduz a jovem Lindóia a uma gruta, permitindo-lhe ter uma visão de Lisboa, reconstruída pelo Marquês de Pombal, mostrando-lhe as grandes reformas por ele produzidas. Neste caso, a expulsão dos jesuítas é apresentada como um evento através do qual Lindóia sentir-se-ia vingada pela morte de Cacambo, seu amado .

> [...] vê destruída
> a república infame e bem vingada
> a morte de Cacambo. [29]

Basílio da Gama em **O Uraguai** foi quem deixou marcas arcádicas que valem retomar para podermos estudar os árcades dentre os quais Silva Alvarenga. Basílio foi como um motor que deu força a outros poetas. O sentimento mediado pelo bucólico e rococó foi comum a todos, como também todos estão de acordo com o Iluminismo.

Gonzaga e Alvarenga Peixoto, nascidos ambos em 1744, estiveram envolvidos na Inconfidência. Silva Alvarenga, pouco mais jovem, foi mentor de reuniões liberais no

---

[29] GAMA, Basílio. **O Uraguai**. 1769.

Rio de Janeiro, satirizando as leis antigas da Corte. Segundo Bosi, estes poetas foram os melhores exemplos da vertente árcade-ilustrada.

Tomás Antônio Gonzaga também estudou com os jesuítas, formou-se em Cânones em Coimbra. Retornou a Vila Rica para exercer a ouvidoria e a procuradoria, tendo desavenças com as autoridades locais, motivo das Cartas Chilenas, mas também, há o seu idílio[30] com a Marília das Liras. As liras são exemplo do ideal, e, além de demonstrar a natureza e o sentimento, demonstram também fatos históricos de sua vida, como podemos verificar em:

Nesta triste masmorra,
De um semivivo corpo sepultura,
Inda, Marília, adoro
A tua formosura.
Amor na minha idéia te retrata;
Busca, extremoso, que eu assim resista
À dor imensa, que me cerca e mata.

Quando em meu mal pondero,
então mais vivamente te diviso:
vejo o teu rosto e escuto
a tua voz e riso.
Movo ligeiro para o vulto os passos:
Eu beijo a tíbia luz em vez de face,
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a ilusão minha;
A violência da mágoa não suporto;
Foge-me a vista e caio,
Não sei se vivo ou morto.
Enternece-se Amor de estrago tanto;
Reclina-me no peito, e com mão terna
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Depois que represento
Por largo espaço a imagem de um defunto,
movo os membros, suspiro,
e onde estou pergunto.
Conheço então que Amor me tem consigo;
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,
E com doente voz assim lhe digo:

[30] Idílio, égloda ou pastoral: composições que celebram a vida no campo, a natureza, a atividade agrícola e pastoril, ou seja: o bucolismo. (GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 5.ed. São Paulo: Ática,1989).

_Se queres ser piedoso,
procura o sítio em que Marília mora,
pinta-lhe o meu estrago,
e vê, Amor, se chora.
Se a lágrima verter a dor a arrasta,
uma delas me traze sobre as penas,
e para alívio meu só isto basta.[31]

Alvarenga Peixoto, também se doutorou na Universidade de Coimbra em 1767. Comprou lavras no sul de Minas e, como proprietário descontente com a derrama, participou na Inconfidência. Também foi um poeta que começou a escrever com um sincero entusiasmo a Pombal. Ao Marquês dedicou uma trabalhada ode. Segundo Bosi, ao quadro da guerra, o horror, o estrago, o surto, o poeta contrapõe o universo do labor e da ordem, tendo como fundo a paisagem arcádica:

Grande Marquês, os Sátiros saltando
Por entre verdes parras,
Defendidas por ti de estranhas garras;
Os trigos ondeando
Nas fecundas searas;
Os incensos fumando sobre as aras,
À nascente cidade
Mostram a verdadeira heroicidade.[32]

Uma figura que merece respeito e relevo é a de D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho (1743-1821), cujas tendências características da Ilustração praticada no Seminário de Olinda colocam-no como o marco do ensino moderno.[33]

---

[31] GONZAGA, Tomás Antônio. **Marília de Dirceu**. Lira LXXXI.

[32] Bosi (1997, p.84).

[33] "Azeredo Coutinho, quando bispo de Olinda, prestou bons serviços à causa da renovação do ensino no Brasil: fez do antigo Colégio dos Jesuítas não só um Seminário para formar padres como uma escola secundária moderna, com o ensino não apenas de Latim mas até de desenho. Quase um escândalo para a época. Tollenare não hesitou em comparar o Seminário que aquele bispo fundara em Olinda com os liceus departamentais da França.'' Alves especificou detalhadamente todo o procedimento utilizado no Seminário de Olinda em sua obra. (ALVES, G. L. **O pensamento burguês e o plano de estudos do Seminário de Olinda**: 1800-1836. 1991. Tese (Doutorado em Educação) – Unicamp, Campinas.

2.2 O DESERTOR E O OTIMISMO EDUCACIONAL DE SILVA ALVARENGA

Sabemos que cada poema possui uma força diferente de expressão. Para conseguir isso, os poetas utilizam-se de alguns recursos de linguagem: a rima e a beleza das frases poéticas. Um poema não se faz simplesmente juntando estrofes soltas. Ele precisa ter uma coerência.

Vários críticos apontam, e isso é facilmente observável na leitura do poema, que em **O Desertor** essa coerência não ocorre por completo, aparecendo mudanças de tema, de forma repentina, em seus cantos. Percebemos que não há um único sentido, um nexo compreensivo. Entretanto, na construção dos versos, o objetivo principal do poema é o de combater a ignorância e de ligá-la com os jesuítas que até então dominavam o ensino na Universidade, o que fica claro na forma como ele trabalha as palavras, a rimas, as imagens, a caracterização das personagens. É como se fosse lançado um foco de luz sobre as personagens atribuindo-lhes adjetivos marcantes e características essenciais aos termos principais do tema exposto, o que será possível verificar numa análise mais detalhada da obra.

Ao analisar um poema, é necessário aliar às idéias ali presentes: o que se pensa, sente, quer e se consegue dizer, a maneira de distribuir esse dizer pelo espaço, os cortes de versos, a organização das estrofes e dos cantos.

A introdução e o epílogo de **O Desertor** se fazem nos termos de um poema heróico, pois representam os feitos de Pombal na Universidade, enquanto os episódios envolvendo os estudantes e o padre fugitivo, muitos deles aparentemente gratuitos, são, na maior parte das vezes, cômicos. Essa divisão parece ser intencional por parte de Silva Alvarenga; é uma forma de ele transmitir suas idéias, e isto nos detém na introdução teórica do poema, presente nas duas versões pesquisadas.

2.2.1 Justificativas do Autor para a Escolha do Poema Herói-Cômico

Segundo a introdução de **O Desertor**[34], o próprio poeta afirma que a força da poesia consiste na imitação da natureza e é o meio mais eficaz para mover e deleitar os homens, porque estes têm um amor inato à imitação, à versificação, à harmonia, ao ritmo. Cada gênero, à sua maneira, teria, segundo ele, uma finalidade distinta de prazer. Assim sendo, eis o que ele nos diz a respeito da imitação épica:

> Mas assim como o sábio pintor para mover à compaixão não representa um quadro alegre e risonho; também o hábil poeta deve escolher para a sua imitação acções conducentes ao fim que se propõem: por isso o épico, que pretende inspirar a admiração e o amor da virtude, imita uma acção na qual possão apparecer brilhantes o valor, a piedade, a Constancia, a prudência, o amor a pátria, a veneração dos príncipes, o respeito das leis e os sentimentos da humanidade.[35]

Quanto ao trágico e ao cômico, Silva Alvarenga comenta que também se tratam de formas diferentes de mover os ânimos:

> O trágico, que por meio do terror e da compaixão deseja purgar o que há de mais violento em as nossas paixões, escolhe acção, onde possa ver-se o horror do crime acompanhado da infâmia, do temor, do remorso, da desesperação e do castigo: em quanto o cômico acha nas acções vulgares um dilatado campo a irrisão, com que reprehende os vícios.[36]

Nesta introdução da obra **O Desertor**, ele se questiona sobre qual das imitações consegue mais depressa o seu fim e parece concluir pelo cômico: “quase sempre o coração humano regido pelas leis do sou amor proprio, é mais facil em ouvir a censura dos vicios, do que o louvor das virtudes alheas”.[37]

Na medida em que os árcades consideravam-se neo-clássicos, recorreremos às poéticas de Aristóteles, Longino e Horácio, com o objetivo de demonstrar nele essas

---

[34] NORBERTO DE SOUZA, Joaquim. **Obras poéticas de Manoel Ignácio da Silva Alvarenga (Alcindo Palmireno)**. Tomo Segundo. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1864.

[35] Ibid., p.6.

[36] Id.

[37] Id.

influências. Horácio informou-nos que muitos poetas renascentistas nem sempre obedeciam ao pensamento dos antigos clássicos. Sabemos que, no renascimento, a literatura tinha por característica o retorno ao modelo literário clássico, às epopéias de Homero e Virgílio. Porém, nem sempre isso acontecia, porque ao reproduzir sua época, os escritores acabavam, de alguma forma, modificando os modelos.

Horácio foi um desses autores que não buscavam a perfeição como faziam os poetas do classicismo. Para ele era necessário experiência criativa, disciplina interior, dominando a criatividade e que era preciso inovar sempre que julgasse conveniente. Mas, o que nos chamou a atenção foi a **Poética** de Aristóteles, porque traz os esclarecimentos sobre o que é a epopéia, o poema trágico e a comédia, dos quais Silva Alvarenga parece ter-se abeberado.

Segundo Aristóteles, enquanto modalidades do gênero dramático, tragédia e comédia são imitações, mas imitam por meios diferentes ou por objetos diferentes. Para Aristóteles, a tragédia desenvolveu-se, trata-se de uma representação grave, longa, completa, com linguagem exornada (ritmo, melodia e canto), com atores em ação, não narrando como a epopéia. A imitação é feita por graves e importantes personagens que usam de falas, simples conjunto dos versos e cantos que tenham sentido claro.

O papel dos discursos, da política e da retórica é importante. As palavras necessitam de caráter de aceitação ou recusa por parte dos intérpretes. O autor de uma tragédia deve expor o herói dentro de uma ação única e não expor muitas ações de um personagem. A obra não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas que podiam acontecer do ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade. A história apresenta sempre verdades gerais, a poesia fatos particulares.

Quanto à comédia, Aristóteles classifica-a como um defeito e uma feiúra, com máscara feia, mas que não expressa um sentimento doloroso.

O fim da arte, segundo Aristóteles, é alcançar a virtude, o sublime, o que vem nos ajudar a explicar por que o poema herói-cômico “imita, move e deleita”. Como nos deixou escrito Silva Alvarenga na introdução de **O Desertor**, ele modificou o gênero, classificando-o ele próprio como um poema herói-cômico, enfrentando, assim, seus contemporâneos para melhor atingir seus objetivos.

Após tais considerações, podemos analisar a obra **O Desertor**, na qual numa mistura de epopéia, tragédia e comédia, Silva Alvarenga inclui um narrador que procura contar o que aconteceu do ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade da época.

Ele começa por caracterizar seu poema herói-cômico com base nos próprios clássicos e em oposição aos críticos da sua própria época:

> O poema chamado herói-cômico, porque abraça ao mesmo tempo uma e outra espécie de poesia, é a imitação de uma acção cômica heroicamente tractada. Este poema pareceo monstruoso aos críticos mais escrupulosos; porque se não póde (dizem elles) assignar o seu verdadeiro caracter. Isto é mais uma nota pueril, do que bem fundada critica; pois a mistura do heróico, e do cômico não envolve a contradição, que se acha na tragicomédia, onde o terror e o riso mutuamente se destroem. Não obsta a autoridade de Platão referida por muitos, porque quando este filosofo no Dialogo 3 de sua Republica parece dizer que são incompatíveis duas diversas imitações, falla expressamente dos autores trágicos e cômicos, que já mais serão perfeitos em ambas.[38]

Ele defende seu poema herói-cômico com base em autores do passado:

> Esta poesia não foi desconhecida dos antigos. Homero daria mais de um modelo digno da sua mão, se o tempo, que respeitou a *Batrachomyomachia*, deixasse chegar a nós o seu *Margites*, de que falla Aristóteles no cap.IV da Poet. Dizendo que este poema tinha com a comedia a mesma relação, que a Ilíada com a tragédia. O *Culex,* ou seja de Virgilio, ou de outro qualquer, não contribue pouco para confirmar a sua antiguidade.[39]

---

[38] NORBERTO DE SOUZA, Joaquim. **Obras poéticas de Manoel Ignácio da Silva Alvarenga (Alcindo Palmireno)**. Tomo Segundo. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1864. p.6-7.

[39] Id.

Segundo Silva Alvarenga, também no renascimento existiram outros poemas herói-cômicos modernos: “A *Secchia Rapita* de Tassoni é para os Italianos o mesmo que o *Lutrin* de Boileau para os Francezes, e o *Hudibraz* de Butler, e o *Rape of the Lock* de Pope para os Inglezes”.[40]

Alguns sujeitam o poema herói-cômico aos preceitos da epopéia,, da qual só difere pelo cômico da ação, misturando o ridículo e o sublime que servem para realçar um ao outro. Alguns escritores omitiram ou desprezaram algumas regras, abrindo novos caminhos à fantasia e mostraram “disfarçada com innocentes graciosidades a critica mais insipiente, como M. Gresset no seu *Vert-Vert*.”[41] Assim ele conclui sua introdução, chamando sempre a atenção para o objetivo de seu poema que é, mostrar o ridículo do vício e amável a virtude, imitando, movendo os ânimos e deleitando, atingir o fim da poesia:

> É desnecessário trazer à memória a autoridade e o sucesso da tão illustres poetas para justificar o poema herói-cômico, quando não há quem duvide, que elle, porque imita, move e deleita: e porque mostra ridículo o vicio, e amável a virtude, consegue o fim da verdadeira poesia.[42]

Com base nesses preceitos, ele apresenta em seu poema verdades gerais, ou seja, exalta as transformações estabelecidas pela Reforma Pombalina, ridicularizando fatos particulares ocorridos com personagens como Gonçalo e de outros estudantes que, instigados pela ignorância que havia tomado a forma do padre Tibúrcio, fogem da Universidade de Coimbra, fazendo arruaças e desencadeando ações burlescas. São estes os mecanismos pelos quais o autor representa o embate entre a Escolástica e da Reforma da Universidade de Coimbra realizada por Pombal.

---

[40] NORBERTO DE SOUZA, Joaquim. **Obras poéticas de Manoel Ignácio da Silva Alvarenga (Alcindo Palmireno)**. Tomo Segundo. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1864. p.6-7.

[41] Ibid., p.8.

[42] Id.

2.2.2 A Estrutura do Poema como uma Forma de Engrandecer a REFORMA

Podemos observar que a obra **O Desertor** é um poema que se aproxima da epopéia, por ter conter suas características estruturais. Uma epopéia apresenta as seguintes características: é escrita em versos, constituindo-se num longo poema narrativo; o assunto de uma epopéia é sempre grandioso, heróico e refere-se à história de um povo. É o relato das façanhas de um herói que simboliza toda uma raça; a linguagem empregada na epopéia é solene, muito diferente daquela empregada no dia-a-dia; toda epopéia segue uma estrutura rígida, herdada da Antiguidade Clássica. O poeta épico tem de obedecer a essa rigidez. A divisão de uma epopéia é a seguinte: 1ª parte: Proposição – em que se apresenta o assunto; 2ª parte: Invocação – em que o poeta solicita que os deuses ou as suas musas o inspirem e auxiliem na tarefa difícil que tem a realizar, ou seja escrever o poema; 3ª parte: Dedicatória ou oferecimento – em que ocorre o oferecimento da obra a alguma figura ilustre; 4ª parte: Narração – que é a história propriamente dita; 5ª parte: Epílogo – em que se dá o desfecho da narrativa e em que o poeta expõe suas observações finais sobre o fato narrado. No século XVIII a epopéia já havia praticamente desaparecido, pelo menos aquela escrita segundo o modelo grego.[43]

A obra inicia-se com a invocação às musas pedindo a estas que ajudem o narrador a cantar “desertor das letras”, um estudante que, instigado pelo amigo Tibúrcio, como já dissemos, deserta da Universidade no momento da reforma e que, depois de muitas peripécias, volta e é castigado pelo tio. Grave pela forma inicial da invocação, mas esta personagem vai sendo ridicularizada durante a ação, exatamente por seguir o preguiçoso religioso. Esta é a forma inusitada como o poeta pinta a luta entre o fim da escolástica, do ensino jesuítico, dos velhos estatutos e a nova Universidade. Reformada pelo Marquês de Pombal, homem determinado a enfrentar tudo e todos para colocar as novas idéias em Portugal. A nova universidade a qual o narrador se refere é a Universidade de Coimbra.

---

[43] FARACO, Carlos.E.; MOURA, Francisco M. Língua e Literatura. Volume único. Editora Ática, São Paulo, 1998. O que nos faz lembrar das epopéias **Os Lusíadas** de Camões, **Ilíada e Odisséia** de Homero e **Eneida** de Virgílio.

Nessa introdução, o narrador faz uma breve menção do assunto, que é a promoção das ciências, expondo sobre quais seriam as causas pelas quais Gonçalo, um dos personagens, renunciou aos livros; sua firmeza em se opor ao tio, um defensor da razão e das luzes da verdade.

Quanto a Gonçalo renunciar aos livros, há um questionamento presente nas primeiras estrofes, fazendo com que o leitor busque a leitura completa da obra para compreender o motivo. Esta indagação motiva toda a narração subseqüente.

> Quaes serião as causas, quaes os meios
> Porque Gonçalo renuncia os livros?[44]

Quanto a sua firmeza em se opor ao tio, figura essa tida na obra como o senhor bispo de Coimbra, Francisco de Lemos, reitor e reformador da universidade e um defensor da razão e das luzes da verdade, podemos verificar que há uma oscilação presente no pensamento da personagem Gonçalo que será bem destacada durante toda a narração.

Ainda nos referindo à estrutura do poema, podemos notar que a obra é dedicada ao poderoso ministro de D. José I, de quem o poeta solicita proteção:a quem o narrador cita por “vós”:

> **À vós,** por quem a pátria altiva enlaça
> Entre as pennas vermelhas e amarellas
> Honrosas palmas e sagrados louros,
> Firme columna, escudo impenetrável
> Aos assaltos do abuso e da ignorância. (grifo nosso)[45]

O narrador pede a proteção de seus versos “A vós pertence o proteger meus versos”, para que eles cheguem a outros lugares, divulgando assim esse novo momento histórico de Portugal para o mundo.

---

[44] Silva Alvarenga (1867, p.12).
[45] Id.

A narração inicia-se ainda no Canto I, com a figura do “invicto marquez”, o ilustríssimo e excelentíssimo senhor Marquês de Pombal que entrou em Coimbra no lugar tenente de sua Majestade Fidelíssima para a criação da Universidade em 22 de setembro de 1772. Marquês de Pombal junta a infantaria e impõe a justiça, que é a mãe da paz e da abundância, todos a ele se juntam, a coroa lhe é dada pelo prêmio de seus trabalhos. A ciência é estabelecida, restaurando todo o império, principalmente, após o terremoto em Portugal, não só no aspecto físico como também no intelectual, buscando novamente a autonomia portuguesa vivida no período governado pelo senhor rei D. Sebastião que ficou em África no ano de 1578 e se perdeu com ele a liberdade portuguesa, de onde nasceram as funestas conseqüências que até agora se fizeram sentir, ou seja, Portugal passar ao domínio espanhol: “Com o bravo rei no campo de Marrocos”[46], até que um dia, da régia estirpe renasce o sereníssimo senhor D. José, príncipe herdeiro:

> Já o invicto Márquez com regia pompa
> Da risonha cidade avista os muros.
> Já toca a larga ponte em áureo coche.
> Alli junta a brilhante infantaria;
> Ao rouco som de música guerreira
> Troveja por espaços:? **A Justiça**
> **Fecunda mãi da paz e da abundancia**
> **Vem a seu lado:** as filhas da memoria
> Digna immortal coroa lhe offerecem,
> Premio de seus trabalhos: as sciencias
> Tornão com elle aos ares do Mondego;
> E a verdade entre júbilos o aclama
> **Restaurador do seu império antigo.**
> **Brilhante luz, paterna liberdade,**
> **Vós, que fostes n’um dia sepultadas**
> **Co’o bravo rei nos campos de Marrocos,**
> **Quando traidoras, ímpias mãos o armarão**
> Victima illustre de ambição alhea,
> **Tomae, tornae a nós. Da regia stirpe**
> **Resnace o vingador da antiga affronta.**
> Assim o novo Scipião crescia
> Para terror da bárbara Carthago.
> Possão meus olhos ver o ismaelita
> Nadar em sangue, e pálido de susto
> Fugir da morte e mendigar cadeas;
> E amontoando luas sobre alfanges
> Formar degraos ao throno lusitano. (grifo nosso)[47]

---

[46] Silva Alvarenga (1867, p.13).

[47] Id.

A Reforma não se faz sem a resistência jesuítica. A Ignorância, amedrontada, perseguida, pelo “Argos” da Universidade, metamorfoseia-se em Tibúrcio, cujas características de um jesuíta fica clara nos seguintes versos, e vai se aproximar de Gonçalo, cujas leituras eram incompatíveis com o estudo científico:

Toma a fôrma d’um célebre antiquário
Sebastianista accerrimo, incançavel,
Libertino com capa de devoto,
Tem macilento o rosto, os olhos vivos,
Pesado o ventre, o passo vagaroso:
Nunca trajou á moda: uma casaca
Da cor da noite o veste, e traz pendentes
Largos canhões do tempo dos Affonsos.
Dizem que o tempo da mais bella idade
Consagrou ás questões do Peripato.
Já vio passar dez lustros e experiente
Sabe enredos urdir e por-se em salvo.
Entra por toda á parte, e em toda a parte
É conhecido o nome de Tiburcio.

Gonçalo, que foi sempre desejoso
Da mais bella instrucção, lia e relia
Ora os longos acasos de Rozaura,
Ora as tristes desgraças de Florinda,
E sempre se detinha com mais gosto
Na cova tristifea, e na passagem
Da perigosa ponte de Mantible.[48]

[48] Silva Alvarenga (1867, p.16). O romance distingui-se da novela apenas pela maior extensão. Alguns escritos delimitam a diferença por questões estruturais. Na novela predomina o evento, a história linearmente contada, no romance configura um mundo de personagens mais denso e complexo, avulta uma atmosfera psico-social, aproximando nos do quotidiano e conseqüentemente um ritmo temporal mais lento, No século XVI a novela era uma longa fiada de histórias, dando espaço à imaginação dos sucessos. Três rumos se desenham: a novela sentimental, a de cavalaria e a pastoril. Deter-nos-emos no século XVII, o das novelas sentimentais e edificantes, tais os Infortúnios trágicos da constante Florinda (2 partes, 1625 e 1633) e as Novelas exemplares (1650) de Gaspar Pires Rebelo, tão lidas que se foram reeditando até ao século XIX, e ainda as Dose Novelas (1674) de Gerardo Escobar(nome literário do carmelita Fr. Antônio de Escobar), em que os amorosos, vencidos enganos e intrigas de rivais, acabam sempre por casar; a incipiente observação de caracteres é prejudicada por um estilo empolado, esmaltado de figurar. Da novela alegórica, também de intenção moral, são exemplos a História do predestinado peregrino e seu irmão Precito (1682) de Nuno Marques Pereira (Barroco, Na Literatura Brasileira). No Serão Político de Fr. Lucas de santa Catarina (v.) incluem-se duas novelas sentimentais, ainda em prosa barroca. O século XVIII oferece-nos a primeira novela de autoria feminina, As Aventuras de Diófanes (1752) (v.) de Teresa margarida da Silva e Orta, cujas idéias político-sociais denunciam a leitura de Fénelon e contactos com os “estrangeirados”. (v.). N’O feliz Independente do Mundo e da Fortuna (1779), obra muito lida, reeditada e traduzida, que ainda aparece no regaço de heroínas camilianas, o Pe. Teodoro de Almeida (v.) atribui ao herói uma alma com tonalidades pré-românticas; trata-se, porém de enfadonha novela moralizante, com vestígios de epopéia, abstrações mitificadas, linguagem abstrusa. (COELHO, Jacinto do Prado. **Dicionário das Literaturas Portuguesa, brasileira e galega**. Livraria Figueirinha/ Porto Biblioteca luso- brasileira ita., [s.d].

Tibúrcio toma as formas com que os jesuítas são pintados pelos poetas que aderiram aos ideais pombalinos: ele é apresentado como uma pessoa velha, muito gorda, ardilosa e que abandonando por este momento "A sonolenta, a pigra ociosidade", vai estabelecer um diálogo com Gonçalo, tentando assustá-lo com as reformas:

> _ Que espera tu dos livros?
> Crês que ainda appareção grandes homens,
> Por estas invenções, com que se apartão
> Da profunda sciencia dos antigos?
> Morrerão as postillas e os cadernos;
> Cahio de todo a ponte, e se acabarão
> As distincções, que tudo defendião.
> E o ergo, que fará saudade a muitos?
> N'outro tempo dos sábios era a língua
> Fórma e mais fórma: tudo em fim se acaba,
> Ou se muda em peor.[49]

Com esses argumentos, Tibúrcio convence Gonçalo a abandonar os estudos recém-instaurados e a fugir da Universidade, prometendo convencer outros também. Consultados nos seguintes termos por Gonçalo, os demais estudantes aderem à fuga:

> **Heróes**, a quem uma alma livre anima,
> Que desprezando as artes e as sciencias,
> Ides buscar da pátria no regaço
> Longe de sugeição e da fadiga
> Doce descanço, amavel liberdade:
> Se algum de vós, o que eu não creio,ainda
> Tem n'alma o vão desejo dos estudos,
> Levante o dedo ao alto.[50]

Neste momento da narrativa, a ignorância parece vencer pois nenhum dos heróis ergueu a mão à pergunta de Gonçalo:

> Nemum alçou a mão, e a ignorancia
> Pareceo consolar-se, imaginando
> Sonhadas glorias de futura império.[51]

---

[49] Silva Alvarenga (1864, p.17).

[50] Ibid., p19.

[51] Ibid., p.19-20.

Para onde leva a ignorância os heróis, sempre instigados por Tibúrcio? Atrás das mulheres, e a ambigüidade da linguagem com que Silva Alvarenga ridiculariza suas personagens burlescas fica novamente evidente. Trata-se de uma prostituta que, novamente, vai encontrar trabalho:

> Guiomar, velha que há muito que insensível
> A's delicias do amor, afferrolhando
> Emmagrece nos míseros cuidados
> Da faminta ambição, e é na cidade
> Uma ave de rapina, que entre as unhas
> Leva tudo o que encontra aos ermos cumes
> Da escalvada montanha, onde a festejão
> Co'a boca aberta os ávidos filhinhos:
> Triste agora e infeliz ouve e se assusta
> Das notícias cruéis, que o moço espalha:
>
> Ó ama desgraçada! Ó dia infausto!
> Agora que esperava mais socego
> Principião de novo os meus trabalhos![52]

Neste episódio em que Gonçalo, ainda com princípios morais, abandona a noiva, filha de Guiomar, enganando-a com a expectativa de da "nova herança de um morgado"[53] pensa em lhe deixar dinheiro, fica clara a ambição de Tibúrcio:

> O experto amigo, que se mostra em tudo
> Companheiro fiel, com os olhos tristes,
> Pondera os longos e ásperos caminhos:
> Lembra funestas noites de estalagem,
> E adverte em vão, que ao menos por cautella
> Deve fazer-lhe a bolsa companhia.
> Deixando em fim inúteis argumentos
> Remette a decisão ao próprio braço.[54]

E também a de Guiomar, que usando a briga desencadeada pelos estudantes, chama ajuda para prender Gonçalo:

> Em tanto a mãi, que já por experiência
> Os enganos conhece mais occultos,

---

[52] Silva Alvarenga (1864, p.20).

[53] Ibid., p.22.

[54] Ibid., p.23.

Busca novos pretextos de vingança
Fingindo torpes e horrorosos crimes,
E espera ouvir gemer em poucas horas
O mancebo infeliz em prizão dura.
Mas Rodrigo, que ouvio o rumor vago
A' pressa chega e d'esta sorte falla.[55]

Surge neste instante da narrativa, a figura de Rodrigo, outro estudante que fala para Gonçalo fugir com toda pressa pois pessoas armadas

Vem logo contra ti. Guiomar convoca
Todo o poder do mundo! Um só momento
Não percas, caro amigo; os companheiros
Com alvoroço esperão. Ah deixemos
Deixemos d'uma vez estas paredes,
Onde co'proprio sangue escripta deixas
De teu trágico amor a breve historia.
É já outro o Mondego: a liberdade
D'estes campos fugio, e só ficarão
A dura sugeição e o triste estudo.[56]

Interessante observarmos que enquanto para uns a reforma é liberdade, para outros é sujeição e este embate dura sempre até o fim da narração.

A ignorância metamorfoseia-se constantemente, engendrando traições, preparando caminhos difíceis, incitando aos vícios, à gula e principalmente à bebida.

Tibúrcio, metamorfoseado desde o início como a Ignorância, ora:

Cheio de nobre ardor, fechando os olhos
Toma um largo pichel e assim lhe falla:

Vasilha da minha alma, tu que guardas
A alegria dos homens no teu seio,
E tu filho da cepa generoso,
Se estimas e recebes os meus votos,
Derrama sobre mim os teus encantos![57]

---

[55] Silva Alvarenga (1864, p.24-25).

[56] Ibid., p.25.

[57] Ibid., p.29.

Devemos observar como o poeta apresenta Tibúrcio, sempre muito parecido com os padres, tanto em suas vestes como nos costumes e ações e em tudo que o cerca. Todos bebem muito e tornam-se violentos, brigando por comida:

> Avidamente a devorar começa
> Assim esse animal grosseiro e pingue,
> Que de alpestres bolótas se sustenta,
> A' pressa come, e tendo uma nos dentes,
> N'outra tem o desejo e n'outra a vista.[58]

O narrador não caracteriza somente Gonçalo e Tibúrcio, ele caracteriza também os outros fugitivos:

> Os que aprendem o nome dos auctores,
> Os que lêm só o prologo dos livros,
> E aquelles, cujo somno não perturba
> O concavo metal, que as horas conta,
> Seguirão as bandeiras da ignorância
> Nos incríveis trabalhos d'esta empreza.[59]

Todos esses fugitivos procuram a estalagem de Ambrósio e este, vendo as ações dos estudantes, condena-os pela sua própria experiência, pois ele foi do "rancho da carqueja", uma companhia de estudantes que cometeu muitos crimes, foi dispersa e castigada e não estudou. Por isso ele "no seio da miséria" pelo seu comportamento na mocidade.

> Conservai sempre firme na memória
> D'um velho desgraçado o triste exemplo,
> E apprendei a ser bons, que a vossa idade
> As indignas acções não justifica.
> Mas se vós desprezais os meus conselhos,
> Nunca gozeis o premio dos estudos:
> Afflições e trabalhos vos opprimão,
> Em quanto o mar das Índias vos espera.[60]

---

[58] Silva Alvarenga (1864, p.28).

[59] Id.

[60] Ibid., p.32.

Ao colocar a experiência falando pela voz de Ambrósio, o dono da estalagem onde os estudantes fazem arruaças, brigas e destruições, vai ficando cada vez mais clara a posição de Silva Alvarenga quanto às possibilidades da educação, mais ainda, fica claro que Pombal contava com apoio popular, pois o povo se enfurece com eles, persegue-os, colaborando assim no retorno dos jovens para a Universidade. Segundo o poeta, se os fugitivos não voltarem e não estudarem significa que ficarão na miséria e terão que partir para as Índias, procurando outro lugar para viver.

Durante a narração, por meio do narrador, percebe-se que Gonçalo titubeia na fuga e só ele pensa em salvar seus companheiros, como fez Ulisses em **A Odisséia** de Homero.

> Só Gonçalo pensava cuidadoso
> Em salvar os affictos companheiros.
> Assim o astuto assolador de Troya,
> Quando os gregos heróes ouvio cerdosos
> Grunhir nos bosques da encantada Circe,
> Ou quando vio a detestável meza
> Na vasta cova do Cyclope horrendo.[61]

Todavia, ele temia a represália do povo, da velha Guiomar e do tio, todos ofendidos e indignados.

A relutância dá ensejo ao narrador para falar da fama que Pombal vai adquirindo na Europa:

> A fama sobre o carro transplarente,
> Que arrastão ao travez do espaço immenso
> O sonoro aquilon e o veloz austro,
> Cantava o caro nome, a immortal glória
> Do augusto pai do povo. Entre milhares
> De acções dignas d'um rei, Europa admira
> O soberbo edifício levantado,
> Que o saudoso Mondego abraça e adora:
> Edifício, que o tempo devorante
> Vê de longe, rodêa, teme e foge:
> Que sustenta em firmíssimas columnas
> Da sciencia immortal o régio throno.[62]

---

[61] Silva Alvarenga (1864, p.34-35).

[62] Ibid., p.37

Porém, entre a população, a fama que se dissemina é a arruaça dos estudantes.

O narrador vai expondo que o povo “indócil, cego e receoso” persegue os estudantes que, temerosos descem até um vale cavernoso, ambiente escuro e tenebroso e a ignorância para continuar mantendo todos unidos vai tomando a forma, ora da namorada de um, ora incitando a novas paixões e traições. A cada nova fuga dos heróis eles vão encontrando o povo, que também é enganado pela ignorância, sempre metamorfoseado em figuras que interessam ao contendor.

> Assim Gonçalo, quando ver espera
> Tranquillo fim de míseros trabalhos,
> O povo cerca e dos confusos gritos
> As montanhas ao longe retumbarão.
> Vós ó musas, dizei como a discórdia
> Com o negro tição que accende os peitos,
> Mostra o rosto de sangue e pó coberto,
> Seguindo os passos do homicida Marte.
> [...]
> A peito descoberto. O povo armado
> De choupas, longos páos e curvas fouces,
> É semelhante a um bosque de pinheiros,
> Que o fogo devorou, deixando nuas
> As elevadas pontas. Animoso.[63]

Estando presos os estudantes, a ignorância, na figura de Tibúrcio, planeja sua libertação e novamente se metamorfoseia em um devoto e santo anachoreta, “Que passa os breves dias d’este mundo/Entre os rigores d’uma austera vida”[64], mas para quem Amaro, o guarda da cadeia, mata muitas galinhas. Depois transforma-se em uma bruxa, cujo fim convencer Amaro a casar Dorotheia, sua filha com Gonçalo, mesmo sendo ela a amada de Rufino, transmuda-se em fantasma, enfim, lança mão de tudo aquilo que reforça a ignorância e a superstição popular.

Devemos destacar neste canto que Gonçalo, que gostava de ler, está agora pensando, refletindo, mas a força da ignorância é sempre mais forte, como podemos verificar nas obras lidas por Gonçalo:

---

[63] Silva Alvarenga (1864, p.43).

[64] Ibid., p.48.

Valentes expressões em crespa frase,
Que ao *Alivio de tristes* rouba a gloria,
Pensando felizmente ressuscita
Aquellas hyperbolicas finezas,
Que em seus escritos prodigou Gerardo.[65]

Nesse momento de reflexão, Gonçalo pensativo, acaba cerrando os olhos e parece desejar "Sentir no coração novas cadeias"[66]. Cansado de toda "a fantasia", "sobre os meios e os fins de seus projectos/ Pouco a pouco se esquece, e pouco a pouco/ cerra os olhos, boceja, dorme e sonha."[67] Sonha com a Verdade, a justiça e a paz e o narrador, neste ponto, também manifesta os votos de que Gonçalo retorne.

Quando voa do leito, onde deixava
Nos braços do descanço ao pai da pátria
A brilhante verdade, e lhe apparece
N'uma nuvem azul bordada d'ouro.
A deosa accupa ao meio, um lado e outro
A severa justiça, a paz ditosa.

Benignos cêos, enchei meus puros votos:
Fazei que esta celeste companhia,
Como do terno avô rodea o throno,
De seu neto immortal orne a coroa![68]

Gonçalo teme encará-la. Mas a reforma, pela voz da verdade, tenta convencê-lo e nesse trecho o autor torna claras as inovações da Universidade de Coimbra.

Abre os olhos, mortal, assim lhe falla
Do claro céo a preciosa filha,
Abre os olhos, verás como se eleva
Do meu nascente império a nova gloria.
Esses muros, que a pérfida ignorância
Infamou temerária com seus erros,
Cobertos hão de ser em poucos dias
Com eternos signaes de meus triunfos.
Eu sou quem de intricados labyrintohos
Poz em salvo a razão illesa e pura.
Eu abri aos mortaes os meus thesouros:
Fiz chegar aos seus olhos quanto esconde

[65] Silva Alvarenga (1864, p.51).
[66] Ibid., p.52.
[67] Id.
[68] Id.

No seio immenso a fértil natureza.
Póde uma destra mão por mim guiada
Descrever o caminho dos planetas:
O mar descobre as causas do seu fluxo:
A terra...mas que digo? **Que sciencia**
Não fiz tornar ás margens do Mondego,
Ou d'entre os braços da latina gente,
Ou dos bellos paizes, cujas praias
O mar azul por toda a parte lava!
Se são **firmes por mim o estado, a igreja,**
Se é **no seio da paz feliz o povo,**
Dizei-o vós, ó ninfas do parnaso.
Illustres, immortaes, vós que dictastes
As poderosas leis a vez primeira,
Vós, que ouvistes da lyra de Mercúrio
Os úteis meios de alongar a vida.
Eu vejo renascer um povo illustre
Nas armas e nas letras respeitado.
O seu nome vai já de boca em boca
A tocar os limites do universo.
O pacífico rei lhe traz os dias
Dignos de Manoel, dignos de Augusto. (grifo nosso)[69]

Neste trecho longo, mas extremamente importante, estão representadas todas as expectativas quanto à Reforma: contra os "intricados labyrinthos", o retorno da "razão illesa e pura", que abrindo aos mortais os seus tesouros, levou-os à descoberta da "fértil natureza", do "caminho dos planetas", as causas do fluxo do mar, as descobertas de novas terras. Ou seja, com a Reforma voltam a filosofia racional, a física, a história natural.

É a razão, a verdade também que torna firmes o Estado e a Igreja, que traz a paz ao povo, que reforma as leis; que revigora as artes. Enfim, o "pacífico rei" recoloca Portugal na grandeza da época de D. Manoel. A Reforma soando nos ouvidos de Gonçalo, faz "renascer" um povo ilustre/ Nas armas e nas letras respeitado".

Tenta convencê-lo de que os dias de ociosidade causados pelo império dos padres estão no fim, exortando-o, tentando, pela força do ânimo, persuadi-lo a aderir à Reforma:

[69] Silva Alvarenga (1864, p.53-54).

E tu em quanto a pátria se levanta
Sacodindo os vestidos empoados
Co'a cinza vil de um ócio entorpecido:
Em quanto corre a mocidade alegre
A colher louros ávida de glória,
Serás o froxo, o estúpido, o insensível?
Sacrificas o nome, a honra, a pátria
Aos molles dia de uma vida escura?
Cego errado mortal, vê que te enganas![70]

Gonçalo acorda receoso, sentindo somente a suave força da verdade, mesmo assim "recusa abraçá-la" e novamente o narrador se posiciona:"Triste sorte/ D'alma infeliz que ao erro se acostuma![71]

Novamente, voltam as peripécias dos estudantes e, em meio a elas, o narrador vai ridicularizando a figura de, Tibúrcio, que espera afogar-se no vinho, como um "novilho que perdeo nos bosques/ A doce vista do rebanho amigo;"[72] chorando com "Os dias, em que fora thesoureiro/ D'uma rica e devota confraria"[73], período da Escolástica.

No canto V, o narrador demonstra a estante "carunchosa" do tio de Gaspar:.

Geme infeliz a carunchosa estante
C'o pezo de indulgentes *Casuístas*,
Dianas, Bonacinas, Tamburinos,
Moias, Sanches, Molinas e Larragas.
Criminosa moral, que em surdo ataque
Fez nos muros da igreja horrível brecha;
Moral que tudo encerra e tudo inspira
Menos o puro amor que a Deos se deve.
Apparecei, famosa *Academia*
De *humildes e ignorantes*, *Eva e Ave*,
Báculo pastoral, e Flos sanctorum,
E vos ó *Theoremas predicáveis,*
Não tomeis o lugar, que é bem devido
Ao kees, ao Bom Ferreira, ao Baldo, ao Pegas
Grão mestre de forenses subterfúgios.
Aqui Tibúrcio vê o amado *Aranha*,

[70] Silva Alvarenga (1864, p.54).
[71] Ibid., p.55.
[72] Ibid., p.68.
[73] Ibid., p.69.

O *Reis,* o bom *Suppico*, eos dous *Suares:*
D'um lado o *Sol nascido no occidente*,
E a *Mystica cidade*, d'outro lado
Cedem ao pó e á roedora traça.
Por cima o *Lavatório da consciência,*
Peregrino da América, os Segredos
Da natureza, A Fênix renascida,
Lenitivos da dor e o Olhos de água:
Por baixo está de *Sam Patrício a cova:*
A *Imperatriz Porcina*, e quantos *Autos*
A miséria escreveo de Limoeiro.
Para entreter os cegos e os rapazes.
Rudes montões de gothica escritura
Quanto cheiras aos séculos de barro![74]

Próximo ao fim da narrativa, assolados pelo povo, os estudantes são cercados na casa da tia de Gaspar, depois de algumas batalhas, alguns conseguem fugir, mas Tibúrcio, de tão gordo, não consegue:

[...] o intrépido Tiburcio
mettendo o braço e a cabeça clama;
Que o não deixem ficar n'aquele estado.
O heróe as mãos firmando nas orelhas
Ainda mais o aperta, e deixa exposto
Da plebe ao riso, á cólera de Amaro.
Quantas vezes, Tiburcio, desejaste
Não ser de grosso peito e largo ventre![75]

A derrota da ignorância é o centro do epílogo, última parte da estrutura de uma epopéia. Gonçalo, cansado, volta à presença do tio, ainda renitente: "o heróe inflexível só responde/ Que não ha de mudar do seu projecto"[76], mas o castigo é implacável:

Então fallando, o tio em torpes crimes,
E em furtadas donzellas, ergue irado
Co'a mão inda robusta o pão grosseiro,
E a paixão desabafa: a longa idade
Prohibe-lhe o correr; mas não prohibe
Que o pão com força ao longe o accompanhe.
[...]
[...] Gonçalo, encontra novos golpes,

[74] Silva Alvarenga (1864, p.69-71).
[75] Ibid., p.75.
[76] Ibid., p.73.

E jaz em fim por terra. Ferve o sangue
Da boca e dos ouvidos: sem acordo;
Apenas se conhece que inda vive;
Mas tem a glória de trazer comsigo
A derrotada estúpida ignorância.
Ella reina em seu peito, e se contenta
De ter roubado aos muros de Minerva
De fracos cidadãos o preço inútil.[77]

E, assim, conclui o narrador com a derrota da ignorância em que até então viviam os estudantes da Universidade:

Goza, mostro orgulhoso, o antigo império
Sobre espíritos baixos que te adorão;
Em quanto á vista de um prelado illustre,
Prudente, pio, sábio, justo e firme
Defensor das sciencias, que renascem,
Puras as agoas crystallinas correm
A fecundar os aprazíveis campos.
Brotão as flores e appareccem fructos,
Que hão de encurvar co' próprio pezo os ramos
Nos bellos dias da estação dourada.
Possa a robusta mão, que o sceptro empunha,
Lançar-te n'um lugar tão desabrido,
Que te sejão amáveis os rochedos
Onde os coriscos de continuo chovem.[78]

Devemos salientar que em todo o texto de **O Desertor** há o uso de figuras de linguagem que são recursos expressivos que emprestam ao pensamento mais vivacidade, conferindo às frases mais elegância e graça, como também originalidade, emotividade ou poeticidade ao discurso. As palavras empregadas em sentido figurado, conotativo, passam a pertencer a outro campo de significação, mais amplo e criativo como: Ignorância, luzes da verdade, fama e outros. Prevalecendo o uso constante de metáforas: "Que, depois dos estragos da **ignorância**"[79] e comparações.

---

[77] Silva Alvarenga (1864, p.74-75).
[78] Ibid., p.75.
[79] Ibid., p.11.

Há na obra um embate entre Fé e Ciência como pudemos verificar. Importante observar que o poeta expõe as características das personagens, fazendo-nos acompanhar o comportamento e a personalidade de cada um.

Trata-se da imposição do novo. Os velhos estatutos são abolidos para a criação da Nova Universidade de Coimbra.

Em síntese, voltamos à idéia de que a maneira como o poema é organizado é importante. Igualmente importante é o tema. A escolha e a combinação das palavras, junto à maneira como são organizadas as estrofes, formam a unidade, a totalidade da obra. Ao falar sobre seus sentimentos, dos mais simples aos mais profundos, o poeta revela a vida através da palavra, revelando, com humor, o momento em que viveu em Portugal, frente às grandes transformações que estavam ocorrendo.

A concepção de educação e de sociedade que encontramos, seja na fala do narrador, seja nos diálogos dos personagens de **O Desertor**, como o próprio autor antecipou, estão intimamente ligados ao seu tempo. Faziam parte da Reforma de Pombal, cujo objetivo era o de tirar Portugal e seus domínios do atraso em que se encontravam perante aos outros países mais avançados em termos manufatureiros.

Observamos, assim, que, em **O Desertor**, há a presença das novas idéias, ligadas ao Iluminismo que se alastrou por toda a Europa e que implicavam uma mudança radical em todos os aspectos da vida humana, mas também aparece a luta que se travava entre as forças sociais antagônicas que compunham a sociedade no século XVIII.

No poema herói-cômico desse autor, a queda da Escolástica, a crítica ao ócio predominante em Portugal, devido ao grande número de clérigos no país, representados pela forte presença de Tibúrcio, aparece como uma vitória das Luzes, o retorno de uma autonomia que, deixando de lado o fanatismo religioso, e o ócio favorecido pelos jesuítas, quase entorpecidos pela vida monótona que tinham. A

esta situação opunha-se a nova que surgiu, ou seja, a ciência que propagava a produção de mercadorias e conseqüentemente modificava as idéias humanas quanto ao trabalho.

Para Cândido, **O Desertor**:

> [...] celebra a instauração da reforma e manifesta confiança esperançada no poder da ciência para demolir a rotina: daí o otimismo que fura por entre os versos e o bom humor sadio da peripécias de estudantes que fogem de Coimbra, onde se restabelece o estudo sistematizado e o espaço para novas descobertas e sofrem toda a sorte de revezes.[80]

Interessante notar o jogo de palavras com que Silva Alvarenga se refere à luta entre a escolástica e a razão. Observe:

> A feia noite, que aborrece as luzes,
> Desce dos altos montes com mais pressa
> Por ver este combate, e affugentada
> Pela sombria luz d'uma candêa.[81]

Através do comportamento do personagem Gonçalo é possível perceber que, para Alvarenga, os escolásticos receavam encarar as luzes. Alguns adjetivos reforçam o tema principal do poema, exposto pelo narrador como: estragos da ignorância, invicto marquês, risonha cidade, brilhante luz, paterna liberdade, trevas horrorosas, belos horizontes. Notem como é proposital o uso dos adjetivos e como eles retratam muito bem a posição do autor, durante este período de transformação.

Ou seja, ao estruturar o poema com versos laudatórios a Pombal e às Luzes e com termos escuros ou ridículos a escolástica, os padres, Silva Alvarenga demonstra acompanhar o movimento racionalista que se desenvolveu naquele século. O debate foi amplo, implicou em traduções, polêmicas, panfletos, jornais, academias, salões literários: tudo eram estratégias para formar opiniões, convencer. Tratava-se de consolidar uma nova maneira de pensar e apontar os erros da tradição.

---

[80] Cândido (1985, p.155).

[81] Ibid., p.29.

Em Portugal a luta era ferrenha, e nesse sentido, as transformações na educação eram um meio de mudar os comportamentos para poder superar o “atraso”. Dado o embate, a superação pela economia deveria ser acompanhada da educação.

É nesse sentido que entendemos o “otimismo educacional” em **O Desertor**. Fica bastante claro que o objetivo do narrador foi o de cantar o fato glorioso da reforma das letras estabelecidas, quando se criariam condições intelectuais que difundiriam o racionalismo entre o povo, até então vítima da ignorância e da superstição. A Reforma da Universidade, segundo Verney, era contra o estudo de uma língua morta, a qual os alunos estudavam vários anos e saíam sem conseguir produzir um único texto.

O otimismo educacional estava aliado ao otimismo com as reformas em geral, cuja vitória representaria a recuperação da a prosperidade portuguesa.

Podemos perceber que o ritmo é que governa todo o poema, ele parece transmitir segurança e certeza do que está sendo dito, bastante compassado, como se a organização estivesse perfeita, assim como a organização da transformação que estava ocorrendo em toda a Europa e principalmente em Portugal. Parece demonstrar a organização de Marquês de Pombal durante o seu governo.

Notamos também a constante presença de verbos no modo imperativo, impondo a ordem que deve ser seguida. A literatura como meio educativo: convencer os portugueses da utilidade das Reformas. A função moralizadora e educativa do poema é explícita, como em tantos outros textos literários do século XVII e XVIII, já logo no início onde o autor faz a defesa do gênero herói-cômico: “não há quem duvide, que ele, porque imita, move, e deleita: e porque mostra ridículo o vicio, e amável a virtude, consegue o fim da verdadeira poesia”.[82]

[82] Cândido (1985, p.8).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito principal nesta dissertação foi o de analisar a obra **O Desertor** de Silva Alvarenga, procurando entender a importância das Reformas Pombalinas, principalmente a Reforma da Universidade de Coimbra. Além de realizar várias leituras sobre o assunto, contextualizando-o no ambiente revolucionário da época, concentramo-nos em demonstrar que os poetas inconfidentes de Minas Gerais e do Rio entusiasmaram-se e exaltaram publicamente essas reformas, principalmente quanto ao seu aspecto modernizador. Delimitando a análise de fontes primárias, escolhemos o poema herói-cômico **O Desertor** de Silva Alvarenga, um intelectual e poeta importante na política e na cultura brasileira daquele momento, no qual fica bem clara a adesão aos ideais renovadores de Pombal e também que a Reforma de Coimbra foi implantada em meio a muita resistência por parte de seus antigos dirigentes e alunos.

Finalizado o trabalho, julgamos ter contribuído para os estudos da História da educação no Brasil, entre os quais desconhecemos qualquer trabalho sobre esse poema. Por este motivo, grande parte da bibliografia de apoio foi da área de crítica literária.

Além disso, todo o trabalho de reflexão sobre a educação naquela época, bem como sobre as dificuldades para a implantação das Reformas de Pombal, principalmente pela metodologia utilizada de cruzamento de fontes das mais diversas áreas, repercutiu positivamente em nossa prática atual como educadora e julgamos que seus resultados possam interessar aos profissionais da área, que também vivem às voltas com inúmeras propostas de reforma educacional.

Com essa incursão pela história da educação, pudemos refletir mais sobre o que é educação e como ela está intimamente relacionada aos fatores sociais, políticos e econômicos.

Antes de entrarmos no Mestrado em educação, julgávamos que a escola, enquanto instituição isolada, pudesse resolver seus próprios problemas, cuja origem estava além de seus muros. Julgávamos que fosse independente das pressões sociais. Pensávamos que a qualidade da educação era resultado do maior ou menor esforço e compromisso dos próprios profissionais.

Hoje, após a pesquisa feita, percebemos que os atos humanos são reflexo de suas necessidades enquanto seres sociais, históricos. Como a história humana é feita de lutas, de contradições, a educação de qualquer período não pode ser analisada, criticada ou não, somente por ela mesma, mas sim como uma esfera afeta à dinâmica da sociedade.

Não era somente a educação que víamos como isolada, a literatura também era entendida por nós como uma manifestação artística, pessoal, independente dos fatores sociais. De seus poemas, romances, peças teatrais eram analisadas somente as estruturas narrativas, e apesar de reconhecer a existência de um contexto, a análise era feita de forma independente, sobre um objeto de criação individual.

Porém, graças ao Mestrado em Educação, da área de Fundamentos da Educação, aos professores e, principalmente a nossa orientadora, pudemos iniciar um entendimento sobre a literatura e a educação como manifestações que tinham um compromisso com a história.

A maior parte dos professores contribuíram no sentido de entender a educação como parte do processo histórico, através de fontes científicas, filosóficas e históricas, pelas quais se incluíam textos especificamente educacionais. Entretanto, a literatura também pode ser considerada uma fonte, pois, de forma estética,

subjetiva, nela se manifestam os fatos da época, fatos vivenciados e estudados pelos escritores.

Pudemos verificar e comprovar isso na análise feita anteriormente. Entender o passado, sem dúvida alguma, auxiliou e muito para compreender a origem dos inúmeros problemas da atualidade escolar como: indisciplina, dificuldade de aprendizagem, o aparente desinteresse tanto dos professores como dos alunos pela qualidade.

Fazendo dos resultados do trabalho uma forma de refletir sobre o presente, podemos pensar que, assim como a educação jesuítica não mais se adequava à sociedade da manufatura, da indústria, da democracia, provocando as drásticas mudanças estabelecidas pelas reformas, o mesmo pode estar acontecendo hoje. Retirar a educação do poder da Igreja, transferindo-o para o Estado era uma maneira de fazer com que realmente a educação renascesse e se fixasse frente de acordo com nova razão que vigorava em quase todos os países da Europa e que representava a tendência da nova sociedade.

Se isso ocorreu naquele momento, o que nos cabe pensar hoje? Se a educação está como está e se seus problemas ou soluções são expressão do que ocorre na sociedade é esta que devemos entender em primeiro lugar.

Ou seja, a educação atual se dá no interior do sistema capitalista e isto deve ser considerado quando pensamos o por quê da existência da escola, seus fins, seus conteúdos, seus métodos, bem como de seus limites para modificar a própria sociedade de que faz parte.

Verificamos então que a escola, em seus modos estruturais, existe hoje para manter a sociedade capitalista, pois e no seu interior que tanto os industriais como os trabalhadores e demais setores de serviços produzem sua existência. Negar essa função da escola é negar a sociedade de que ela faz parte. O capitalismo estrutura-se sobre a produção de mercadoria e esta é a condição para sua continuidade.

A educação informatizada vem se apresentando como a mais adequada ao ritmo da produção tecnológica, favorecida pela evolução dessa própria produção, ela acompanha esse momento de evolução e transformação. É uma forma de controle que o capitalismo industrial desenvolveu e continua desenvolvendo; entretanto, ela revela também que os problemas sociais, as contradições, se acirram com essas mudanças. E isso se manifesta na luta existente entre os educadores, na resistência que parte deles manifesta quanto ao uso de novas tecnologias no campo educacional.

Percebemos, então, que o sistema capitalista desenvolveu novos artifícios para a educação, porque as contradições estavam e estão tão acirradas: é difícil acobertá-las.

Estamos vivendo hoje um momento de imperialismo cultural e multiculturalismo, há uma cultura dominante querendo se impor e a globalização favorece a disseminação dessa cultura.

Emerge, então, no seio da sociedade, a luta por uma cultura emancipadora, universalizante, mas que ao mesmo tempo nos livre da concepção de que uma cultura é melhor que outra. Neste caso, a função da educação passa a ser a de formar a consciência crítica do aluno. Entretanto, para isso é necessário analisar criticamente as relações sociais de produção, é necessário ter uma visão da totalidade para analisar esse objeto, para delimitar o sentido da crítica e sua capacidade de transformação.

É claro que esta reflexão nos leva a perguntar se existem iniciativas de mudanças científicas, como a promovida por Pombal no século XVIII, mas esta é uma questão de difícil resposta. A situação é outra, por enquanto, as bases da sociedade capitalista estão fixadas e a educação é uma forma de mantê-las funcionando, seja formando cidadãos para esta forma social e política, seja formando homens para continuar a manter o mercado produtivo.

Por outro lado, por que a educação ensina para o mercado de trabalho, se a tendência é esta forma de trabalho desaparecer? Seria, portanto, falsa, dispensável, esta função, como ocorreu com a educação clerical, cujo desaparecimento correspondeu a uma perda de domínio político por parte da nobreza e da Igreja e ao fortalecimento do Estado laico?

Sabemos que precisamos nos aprofundar mais em alguns aspectos, como: a história de Portugal; a produção intelectual brasileira; a criação de manufaturas, tanto em Portugal como no Brasil. Uma série de leituras ainda são necessárias para complementar, quem sabe no futuro, a nossa análise de **O Desertor**, mas o que fizemos já nos ajudou a formular questões, olhar com um pouco mais de distanciamento a nossa prática e a aprofundar as reflexões sobre o que está ocorrendo hoje com a sociedade e com a educação.

A educação demonstra-se eclética, fala de afeto, de respeito às individualidades, ao mesmo tempo em que idealiza a igualdade. Seria esta uma forma de acompanhar a tendência da sociedade democrática de natureza capitalista de fortalecer cada vez mais o individualismo, como nos alertava Tocqueville?

REFERÊNCIAS

ABREU, João Capistrano de. **1853-1927. Capítulos de história colonial**: 1500-1800. 6.ed. rev. e anotada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, DF: INL, 1976.

AGUIAR, Pinto de. **A abertura dos Portos**. 1810.

ALMEIDA, J. R. P. **História da Instrução Pública no Brasil**: 1500 a 1889. Trad. Antônio Quizzotti. São Paulo: Educ. Brasília, DF: INEP/MEC, 1989.

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. **O Desertor na Arcádia Ultramarina**: produção reunida por Alcindo Palmireno. Coimbra.Editora da Universidade, 1774.

ALVES, G. L. **Educação e história em Mato Grosso**: 1719-1864. Campo Grande: UFMS/Imprensa Universitária, 1984.

_____ . **O pensamento burguês e o Plano de Estudos do Seminário de Olinda (1800-1836)**. 1991. Tese (Doutorado em Educação) – Unicamp, Campinas.

_____ . A educação Brasileira no período Manufatureiro. **Ensaio**, n.14:191-201, 1985.

_____ . **A produção da escola pública contemporânea**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.1998.

ALVES, Castro. **Gonzaga ou a revolução de Minas**. Rio de Janeiro. 1972. Coleção Dramaturgia Brasileira.

ANASTASIA, Carla. **Inconfidência Mineira**. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 1997. Coleção Guerras e Revoluções Brasileiras.

ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de. **O pensamento vivo de José Bonifácio**. São Paulo: Martins Fontes, 1961. Coletânea organizada por Octávio Turquino de Souza.

ANDRADE, Antônio Alberto Banha de. **Contributos para a história da mentalidade pedagógica portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1982.

_____ . **As reformas pombalinas da instrução pública**. São Paulo: Saraiva, EDUSP, 1978.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**: por suas drogas e minas (1711). 3.ed. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO ou Dionísio. **A poética clássica**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

Auto da devassa da Inconfidência Mineira. v.1. Brasília, DF; Belo Horizonte, Ministério da Educação, 1976.

AVELLAR, H. de A. **Administração pombalina**. Edit. UNB.

AZEREDO COUTINHO, J. J. da Cunha. **Obras econômicas**. (1794-1804). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1966.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 3.ed. v.3. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

BALZAC, Honoré de. O Filho maldito. **A Comédia Humana**. v.XVI. Rio Grande do Sul: Ed. Globo, 1976.

BANDEIRA, M. **Noções de história da Literatura**. São Paulo: Fundo de Cultura, 1969.

BARBOSA, Caldas. **Poesia**: novos clássicos. agir. 2.ed. Rio de Janeiro, 1972.

BEAUMARCHAIS. **As bodas de fígaro**. Trad. Valentina Trigo de Sousa. Europa-América Publicações, 1976.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3.ed. 18ª tiragem. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

BOTO, Carlota. **A escola do homem novo**: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

BRASIL Histórico e Geográfico. v.2, São Paulo: Companhia Distribuidora de Livros, 1884.

BURNS, EdWard McNall et al. **História da Civilização Ocidental**. Porto Alegre: Globo, 1986.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo: USP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

_____ . **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

_____ . **Literatura e Consciência Nacional**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas. Suplemento Literário.

CARDOSO, Walter. **A adesão do Brasil Setecentista à Ciência Moderna**. 1991. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

CARVALHO, Laerte Ramos de. **As reformas pombalinas da instrução pública**. São Paulo: Saraiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

CAVAZZOTI, M. A. **O pensamento educacional no século XVIII: Portugal**. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação, História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CIDADE, Hernani. **Lições de Cultura e Literatura Portuguesa**. v.2. Da Reacção contra o formalismo seiscentista ao advento do romantismo. Coimbra Editora, 1975.

COELHO, Jacinto do Prado. **Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega**. Livraria Figueirinha/Porto Biblioteca Luso-Brasileira lta, [s.d.].

COSTA, Cláudio Manuel da. **A poesia dos inconfidentes**: poesia Completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antonio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

CUNHA, Luis da. **Testamento político**. São Paulo: Alfa Ômega de Ciências Sociais. 1976.

CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade Temporã**: o ensino superior da Colônia à Era de Vargas.

DICIONÁRIO biográfico universal: três livros e fascículos. 2.ed. São Paulo, 1984.

FARACO, Carlos E.; MOURA, Francisco M.. **Língua e Literatura**. São Paulo: Ática, 1998.

FÉRRER, Francisco Adegildo. **O obscurantismo Iluminado**: Pombal e a instrução em Portugal e no Brasil no Século XVIII. São Paulo: USP, 1997.

FERREIRA, Olavo Leonel. **História do Brasil**. 11.ed. São Paulo: Ática, 1986.

FIGUEIRA, Fani Goldfard. **O traballho como primeira necessidade humana**: uma concepção da história. São Paulo: USP.

FIGUEIRA, Pedro de Alcântara. **Economistas políticos**. São Paulo: Musa Editora; Curitiba: Segesta Editora, 2001.

FRIEIRO, Eduardo. **O diabo na livraria do cônego**. 2.ed. São Paulo: Ed. Itatiaia. Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

GAMA, Basílio. **O Uraguai**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1976.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1989.

GONZAGA, Tomás Antônio. **Cartas Chilenas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GONZAGA, Tomás Antônio. **Marília de Dirceu**. Lira LXXXI. Rio de Janeiro:Ediouro, 1982.

HEGEL, G. W. F**. Estética: a** idéia e o ideal. 1974. Editor: Victor Civita. Coleção Os Pensadores.

_____ . **Poesia, Estética**. Trad. Álvaro Ribeiro. Coleção Filosofia e Ensaios.

HOBSBAWN, Eric J. **Era das Revoluções**: Europa 1789- 1848. 2.ed. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOLANDA, S. B. **História Geral da Civilização Brasileira**: a época colonial. São Paulo: Defel.

HOUAISS, Antônio. **Novos Clássicos**. Rio de Janeiro: Silva Alvarenga Livraria Agir, 1958.

KANT, Immanuel. **Textos seletos**, 1974.

LANDES, D. S. **Prometeu desacorrentado**: transformações tecnológicas e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental desde 1750 até a nossa época. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

LARROYO, Francisco. **História Geral da Pedagogia**. 6.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

LASKI, J. Harold. **O liberalismo europeu**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1973.

LISBOA, José da Silva . **Estudos do bem comum e economia política (1819)**. Rio de Janeiro: IPES/INDES, 1975.

LUKACS, Georg. **O romance como epopéia burguesa**. Trad. Letizia Zini Antunes. Assis: UNESCO.

LUZ, Nícia Vilela. **A luta pela industrialização do Brasil**: 1808 a 1930. 2.ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **As mulheres de mantilha**. 3.ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

MAGALHÃES, José Calvet de. **História do pensamento econômico**: da idade média ao mercantilismo. Coimbra, 1967.

MANACORDA, Mário Alighiero. **História da educação da antiguidade aos nossos dias**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MARTHA, Alice Áurea P. Sátira: um gênero marginal. **Apontamentos**, Maringá, n.42, ano 1996, p.01-30, Fevereiro, 1996.

MARTINS, Oliveira. **História da civilização ibérica**. Publicações Europa-América.

MARX, Karl. **A acumulação primitiva**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. O Capital.

_____ . **Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos**. 2.ed., São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.

_____ . **O Capital**. Livro 1, v.1, 1984. Capítulo XII – Divisão do Trabalho e Manufatura e Capítulo XVIII – A maquinaria e a indústria moderna.

MARX, Karl; ENGELS, Frederic. **A Ideologia Alemã**. 6.ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1987.

_____ . **Teoria sobre literatura e arte**. 4.ed. Lsiboa: Editorial Estampa, 1974.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Cortez, 1998.

MAUROIS. André. **O pensamento vivo de Voltaire**. Trad. Lívio Teixeira. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d.

MAXWELL,Kenneth. **Marquês de Pombal**: paradoxo do Iluminismo. Trad. Antônio de Pádua Danesi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MENDES, C. M. M. **Cultura e opulência no Brasil**: um tratado sobre o governo da gente e da fazenda. 1983. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

MENEZES, Sezinaldo Luiz. **O Padre Vieira, a cruz e a espada**. Maringá: Eduem, 2000.

MENEZES, Sezinaldo Luiz. **Alexandre de Gusmão (1695 –17530**): uma reiteração dos impasses da história portuguesa. 1998. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998.

MICHELET, Jules. **História da Revolução Francesa**: da queda da Bastilha à festa da federação. São Paulo: Companhia das Letras, Círculo do Livro, 1990.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 25.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

_____. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

MONTESQUIEU, Carlos de Secondat. **Cartas Persas**. Belo Horizonte: Itatiaia,1960.

_____ . **Do espírito das leis**: clássicos de bolso. Trad. Gabriela de Andrada Dias Barbos. Editora Tecnoprint.

MOSCATELLI, Renato. **O senhor das Letras**: o antigo regime e a modernidade na literatura voltaireana. Maringá: Eduem, 2000.

MOUSNIER, LABROUSSE. **História Geral da Civilizações**: o século XVIII. 3.ed. São Paulo, 1968. v.1. O último século do Antigo regime. Difusão Européias do livro.

MULLER, Beatriz. **Indivíduo e educação na literatura**: elos de uma corrente. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

NAGEL, L. H. Expectativas educacionais à vista. ENCONTRO LUSO-BRASILIERO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3. 2000. **Anais**... Coimbra, 2000, p.1-9.

NEVES, Fátima Maria. **Educação jesuítica no Brasil Colônia**: a coerência da forma do conteúdo. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unimep, Piracicaba.

NORBERTO DE SOUZA, S. Joaquim. **Obras Poéticas de Manoel Ignácio da Silva Alvarenga (Alcindo Palmireno)**. Tomo Segundo. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1864.

NOVAIS, Fernando A. **Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)** 2.ed. São Paulo: HUCITEC, 1973.

NOVAIS, Fernando A. **Estrutura e Dinâmica do Antigo Sistema Colonial**. Editora Brasiliense, 1986.

_____ . **Brasil em perspectiva**. 15. ed. Ed. São Paulo; Difel, 1985.

PAIM, Antônio. **História das idéias filosóficas no Brasil**. 5.ed. Londrina: Ed. da UEL, 1997.

PESSOA, Mário. **O direito da segurança nacional**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Ed. Revista dos Tribunais, 1971.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 40.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

PROENÇA FILHO, Domício (Org.). **A poesia dos inconfidentes**: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antonio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1966.

QUESNAY, François. **Economia**. Trad. Mary M. de C. Neves. São Paulo: Ática, 1984.

RESENDE, Maria Efigênia Lage. **Inconfidência Mineira**. 4.ed. São Paulo: Global, 1988.

ROSA, Silvina. **Da épica Cavaleiresca a Os Lusíadas**: reflexões sobre a literatura e a história. 1994. Tese (Doutorado em Letras) – UNESP, Assis.

_____ . **O surgimento da consciência nacional na literatura brasileira e o processo histórico**. Texto mimeografado.

ROSA, Silvina. **Os Inconfidentes do século XVIII**: uma fonte literária para a História da Educação no Brasil. Maringá: UEM, 2000. Projeto de Pesquisa do departamento de Fundamentos da Educação, 2002.

_____ . **Escritório Avarento e Apologia do dinheiro**. 1994. Dissertação (Mestrado em Letras) – UNESP, Assis.

ROSETAL, M.; IUDIN, P. **Pequeno Dicionário Filosófico**. Trad. Guarani Gallo e Rudy Margherito. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1959.

SANCRISTÁN, José Gimeno. Educação Pública: um modelo ameaçado. In: GENTILI, Pablo (Org.). **Escola S.A.**: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília, DF: CNTE, 1996.

SAINT-JUST, Louis-Antoine de. **O Espírito da Revolução**. Ed. UNESP.

SARAIVA, Antônio José. **História da Literatura portuguesa**. 10.ed. , 1949.

SÉRGIO, Antônio. **Antologia dos Economistas Portugueses (século XVII)**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974.

_____ . **Breve interpretação da história de Portugal**. 11.ed. Obras Completas. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 11.ed, 1983.

SHWANTES, S. A. **A educação na bagagem dos viajantes**. 1997. Mestrado (Dissertação em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

SOARES, Orrís. **Dicionário de Filosofia**. v.2. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional de Livro, 1968.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. 16.ed. Bertrand Brasil, 1989.

TEIXEIRA, Ivan. **Mecenato pombalino e poesia neoclássica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

TESSARO, Sônia Maria Pereira. **O (dês) casamento burguês**: enfim...só(s)? 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá,Maringá.

TORRES, Antônio. **As razões da Inconfidência**. 3.ed. Rio de Janeiro: A.J. Castilho, 1925.

TOCQUEVILLE, Aléxis de. **O antigo regime e a revolução**. Trad. Yone Jean. 3.ed. Brasília, DF. Editora Universidade de Brasília; São Paulo: HUCITEC, 1989.

_____ . **A democracia na América**. 3.ed. São Paulo: Editora Itatiaia, 1987.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História Geral do Brasil**. 8.ed. São Paulo: Melhoramentos – MEC, Tomo Quarto, 1975.

VERNEY, Luis Antonio, **Verdadeiro Método de Estudar**, Lisboa: Editora Lisboa, 1949. Coleção de Clássicos Sá da Costa. Volume 1. Estudos Lingüísticos. Edição Organizada pelo professor Antonio Salgado Júnior.

VIEIRA, Antônio. **Sermões** (Obra Completa). Porto: Lello e Irmão, 1951.

VILHENA, L. S. **A Bahia no século XVIII**. Salvador: Editora Itapuã, 1969.

VOLTAIRE. **Cândido ou O otimista**. 1972.

_____ . **Contos**: o homem dos quarenta escudos. Trad. Mário Quintana. São Paulo: Editora Victor Civita, Abril Cultural, 1983.

_____ . **Cartas Inglesas**. Oeuvres Completes. Paris: Ed. Beuchot, 1829-1834. 72 vols.